ARQ1107 Projeto de Arquitetura Utópica
Objeto-Cidade: Especulações Tectônicas e Presença Urbana

CADERNO DE PROJETOS

TURMA 2021.1

PUC RIO

DAU PPGARQ PUC-Rio

equipe

professores
leonardo lattavo
marcos favero
nanda eskes
pedro évora

monitora
carolina dâmaso

estudantes
amanda vera
ana beatriz nunes
ana carolina moura
ana carolina santiago
ana luiza britto
anna luiza bulluomini
antonio figueiredo
arthur rotstein
beatriz barcelos
bernardo serran
bruna maia
caio costa
camila browning
catarina medley
clara dorville
clara gueiros
daniel lavinas
deborah bekierman
eduarda bond
eliza motta
estephane aquino
gabriela gandelman
gabriela lendecker
gabriela tavares
giovanna tucci
giulia de santis
giulia gioia
guilherme valim
isabela antunes
isabela barreto
isabela coelho
isabela corbo
isabella souto
isadora coelho
izabel wanderley
joana martins
julia maria fabbriani
juliana martins
kevin chiappetta
lorena lanzillotta
luiza doffini
maria eduarda montes
maria eduarda vieira
matheus marinho
natasha charbel
patrick carvalho
raphael rohlfs
raphael younes
sofia leonardos
sofia lundgren
suzana bentes
tatiana pines
thallia souza
tiago sampaio
victoria homena
victoria nassif
victoria soto

diagramação
carolina dâmaso

produção gráfica e textual feita pelos estudantes do curso

ementa

de maneira a convergir os conhecimentos adquiridos pelos estudantes ao longo do curso através de projetos em escalas arquitetônicas e urbanas distintas, o atelier propõe uma discussão – projetual – mais precisa sobre as interrelações entre o artefato arquitetônico de pequena escala e a cidade. neste contexto, sua estrutura baseia-se na articulação de dois conceitos:

I. tectônica
potencial de expressão da arquitetura considerando, de maneira intrínseca e indissociável, sistema construtivo e a relação edifício-lugar;

II. urbanismo tático
conjunto de intervenções urbanas efêmeras, pontuais e tangíveis, fomentadas por agentes da sociedade civil ou institucionais gerando impactos de longo prazo na ativação de espaços públicos e na formulação de políticas públicas.

estas definições, introdutórias, abrem possibilidades de reflexão e ação que colocam frente a frente noções de técnica (construção) e de desempenho social (uso programático ou não). desta forma, o atelier elabora pequenas construções, cujos usos são capazes de gerar impactos diretos sobre diferentes espaços da cidade.

nota
devido a questões relacionadas ao covid-19, as aulas e orientações dos trabalhos foram remotos.

ÍNDICE

01
pedra do arpoador
ipanema
amanda vera
julia maria fabbriani
6

02
morro da babilônia
leme
ana beatriz nunes
gabriela lendecker
8

03
rua do rosário
centro
ana carolina moura
victoria homena
10

04
ilhas tijucas
oceano atlântico
ana carolina santiago
giulia gioia
12

05
praça marcos tamoyo
lagoa
ana luiza britto
izabel wanderley
14

06
museu da imagem e do som
copacabana
anna luiza bulluomini
patrick carvalho
16

07
arcos da lapa
lapa
antonio figueiredo
18

08
orla conde
centro
arthur rotstein
daniel lavinas
20

09
praia de atafona
são joão da barra
beatriz barcelos
bruna maia
22

10
avenida princesa isabel
copacabana
bernardo serran
giovanna tucci
24

11
rua do lavradio
centro
caio costa
eduarda bond
26

12
avenida niemeyer
oceano atlântico
camila browning
giulia de santis
28

13
parque dos patins
lagoa
catarina medley
maria eduarda vieira
30

14
jardim de alah
leblon
clara dorville
clara gueiros
32

15
parque recanto do trovador
vila isabel
deborah bekierman
vitoria soto
34

16
lagoa rodrigo de freitas
lagoa
eliza motta
juliana martins
36

17
praça dos eucaliptos
queimados
estephane aquino
38

18
praça almirante nelson gomes
madureira
gabriela gandelman
isabella souto
40

19
viaduto eng. noronha
laranjeiras
gabriela tavares
luiza doffini
42

20
praça alagoas
centro
guilherme valim
joana martins
44

21
avenida das américas
barra
isabela antunes
victoria nassif
46

22
vila benjamin constant
urca
isabela barreto
thallia souza
48

23
arcos da lapa
lapa
isabela coelho
sofia leonardos
50

24
ponte da joatinga
barra
isabela corbo
natasha charbel
52

25
marina da glória
glória
isadora coelho
matheus marinho
54

26
estação leopoldina
praça da bandeira
kevin chiappetta
suzana bentes
56

27
porto vida residencial
santo cristo
lorena lanzillota
tatiana pines
58

28
lagoa rodrigo de freitas
lagoa
raphael rohlfs
sofia lundgren
60

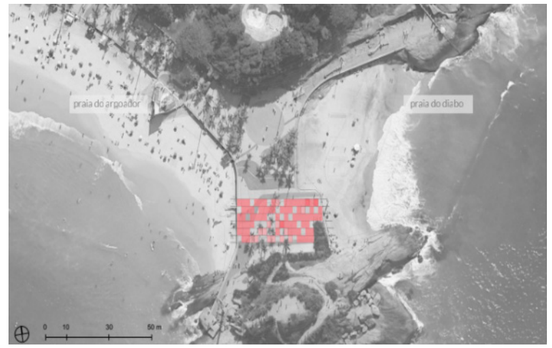
29
praia de icaraí
niterói
raphael younes
tiago sampaio
62

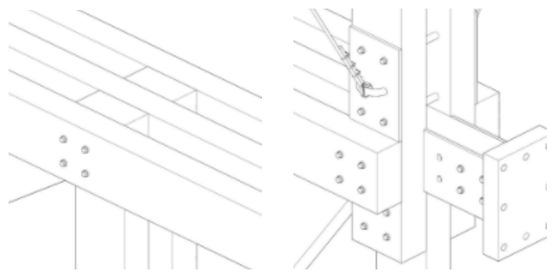
01 canto do arpoador

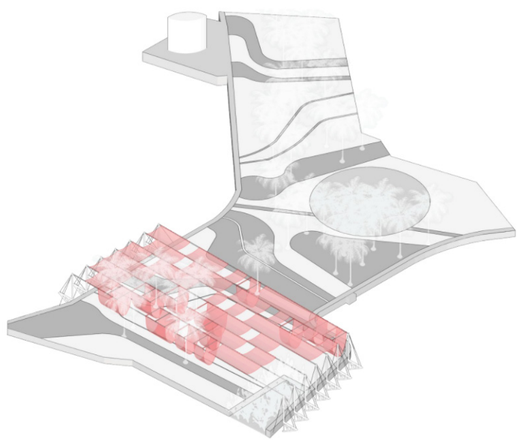
amanda vera
julia maria fabbriani

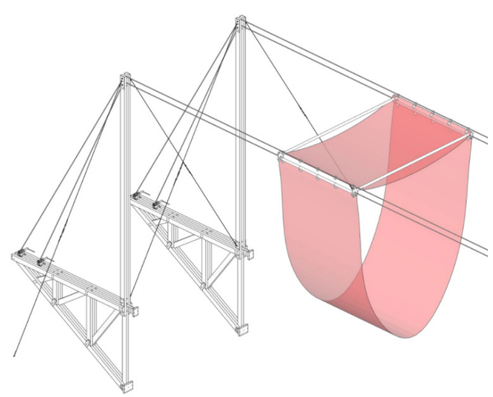
a praia do arpoador e a praia do diabo compõem uma configuração ímpar: defrontam-se. suas paisagens são interseccionadas por uma elevação de concreto que conduz à pedra do arpoador. apesar de sua localização singular que serve deslumbrantes vistas, essa extensão do calçadão se coloca apenas como território de passagem. enquanto os cenários que circundam expressam corpo e movimento, este trecho se mantém inerte. mas existe potência no espaço entre. ele é interseção, superfície evidente, ponto de encontro. lugar de ancoragem e suporte de acontecimentos. nesse sentido, o projeto entremeio propõe um abrigo permeável que se incorpora à paisagem, convida à permanência e à uma nova vivência nesse espaço.

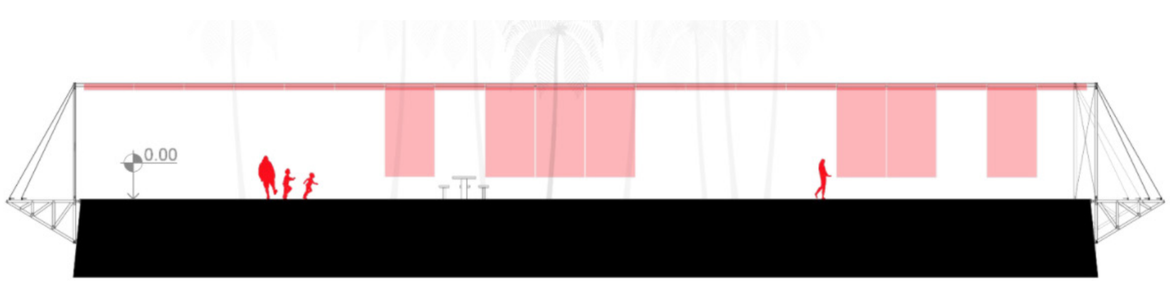
o pavilhão é marcado por módulos de tecidos que ora se comportam como cobertura permeável ora se colocam como aparato de repouso. os tecidos que configuram a malha superior refletem espaços sombreados e intervalos que concedem luz do sol. o material translúcido filtra a luz e oferece um ambiente de permanência sem deslocar o indivíduo da paisagem. na trama que sucede abaixo, organizam-se segmentos de tecidos que se revelam em redes. estes módulos podem ser deslocados no sentido longitudinal, possibilitando configurações diversas de acordo com a intenção do usuário. este mecanismo parte de uma releitura da transitoriedade e da adaptabilidade que permeia a dinâmica e o imaginário da vivência à beira-mar.









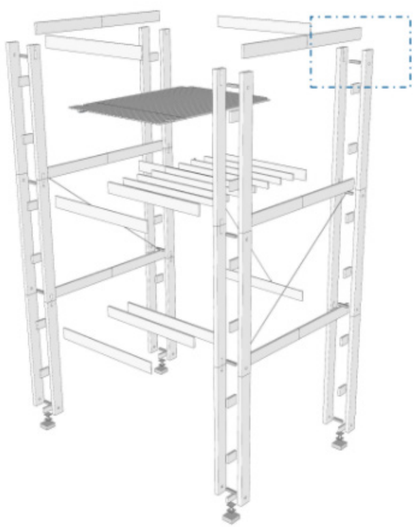


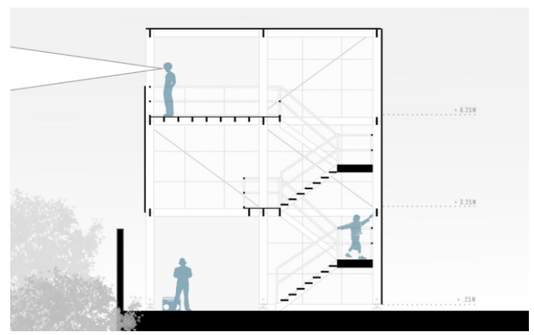
02 praça paris

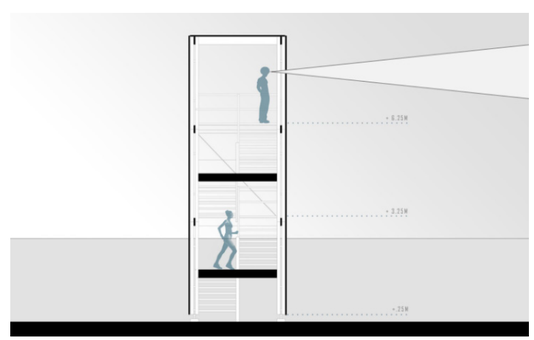
ana beatriz nunes
gabriela lendecker

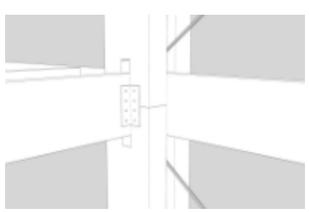
a ideia utópica da mixidade da cidade, conceito que contempla a fusão entre diferentes esferas sociais que, especificamente no rio de janeiro, começa pela superação da visão dicotômica, invisibilidade versus visibilidade, da favela – cidade. a cidade partida, entre morro da babilônia e leme, enfrenta ininterruptamente a segregação socioespacial. no início de sua urbanização, a disputa por territórios entre militares e trabalhadores rurais fez com que, até o momento atual, a favela da babilônia esteja envolvida como parte das mutações que atravessam a cidade como um todo, como as diferenças de classes, tipologias construídas e renda, resultando em dois bairros próximos com modos e serviços urbanos distintos. oposições como asfalto e favela expressam mais do que diferenças de localização, expressam a invisibilidade.

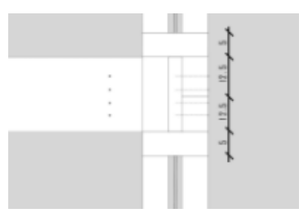
é a partir disso que surge a escolha de trabalhar com o morro da babilônia como local de intervenção. o projeto, que busca através de ações de curto prazo criar mudanças de longo prazo, tem como objetivo trazer para a área um novo ponto de mixidade, quebrando a barreira invisível entre territórios. a partir disso, o projeto é taticamente situado na divisa dessas duas áreas, na via de acesso principal à comunidade, em uma rua sem saída, em desuso e completamente murada, que em contrapartida, possui uma das vistas mais privilegiadas. a intervenção busca, por meio de um mirante iluminado, aproximar a favela e o asfalto através de três momentos: a conexão, o contato e a visão.

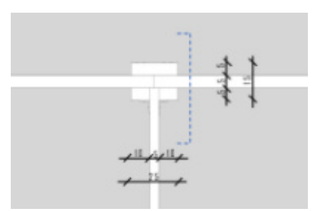










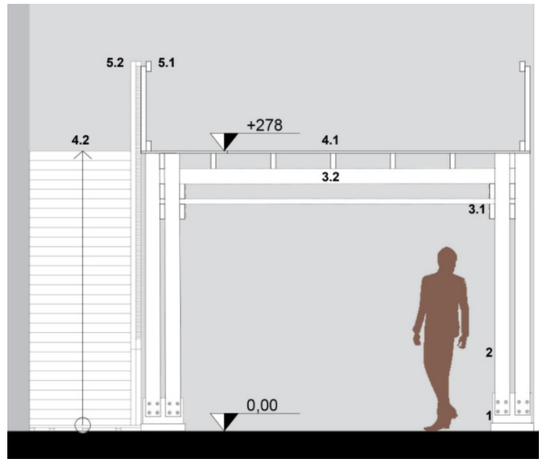


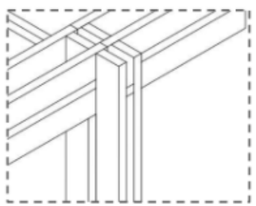
03 rua do rosário

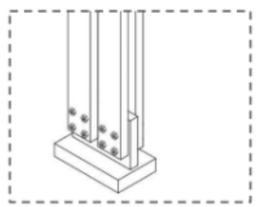
ana carolina moura
victória homena

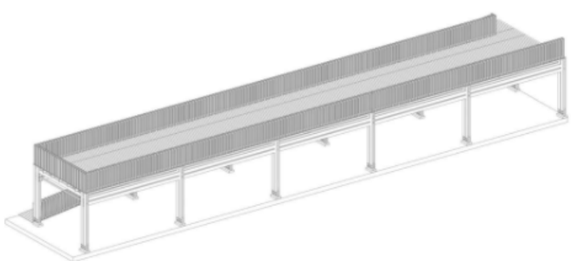
o projeto re tem por escopo ressignificar o espaço sob análise, trazendo um novo ambiente de refúgio para toda a população, de maneira a proporcionar um respiro dentro da massa construída. o ponto de partida foi a escolha do lugar, o centro da cidade do rio de janeiro, uma área bastante densa e carente de espaços públicos de qualidade. o terreno trapezoidal em discussão, situado na esquina da rua do rosário com a rua primeiro de março, era ocupado pelo antigo hotel linda do rosário, o qual veio a desabar em 2002 e era considerado um ponto de amparo para aqueles que buscavam fugir de suas realidades. atualmente, tal espaço é usado como um estacionamento de 145 m2, tendo o tráfego de carros substituído o de pessoas.

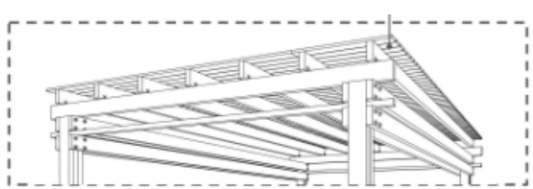
diante desse cenário, tal projeto objetiva trazer de volta os frequentadores desse antigo ponto de grande visibilidade do centro da cidade, sem afetar sua dinâmica atual. sendo assim, a proposta é transformá-lo num espaço aberto e acessível ao público, visto que, no momento, se trata de uma propriedade privada. por meio de uma sobreposição, surgiu a possibilidade de agregar ao terreno existente a ideia de pocket plaza, dentro da grande massa construída do bairro. dessa maneira, além de requalificar o espaço, essa mudança promove o surgimento de um novo ponto de respiro, acima do estacionamento existente, transformando acres de asfalto em espaços temporários e refúgios para pedestres.

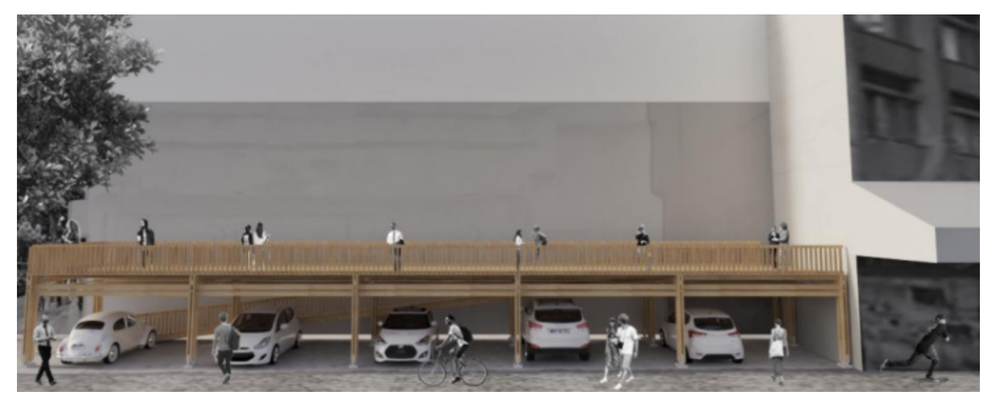










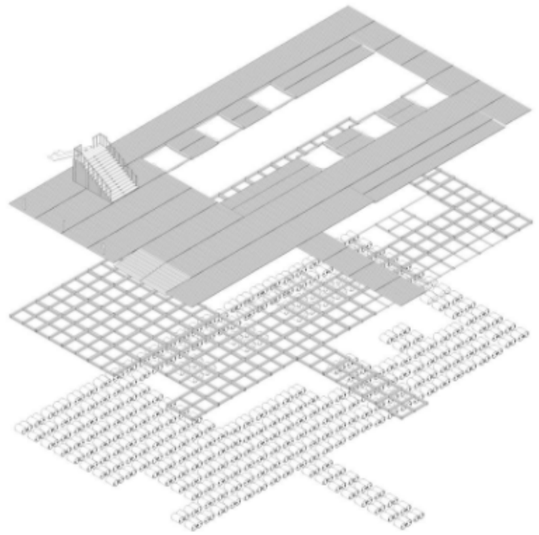


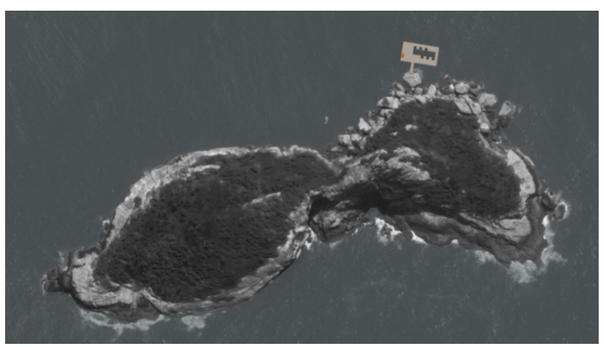
04 ilhas tijucas

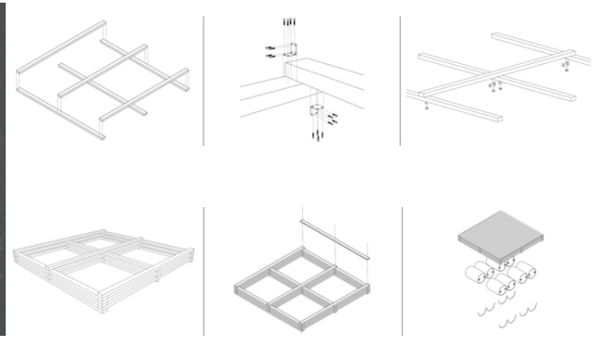
ana carolina santiago
giulia gioia

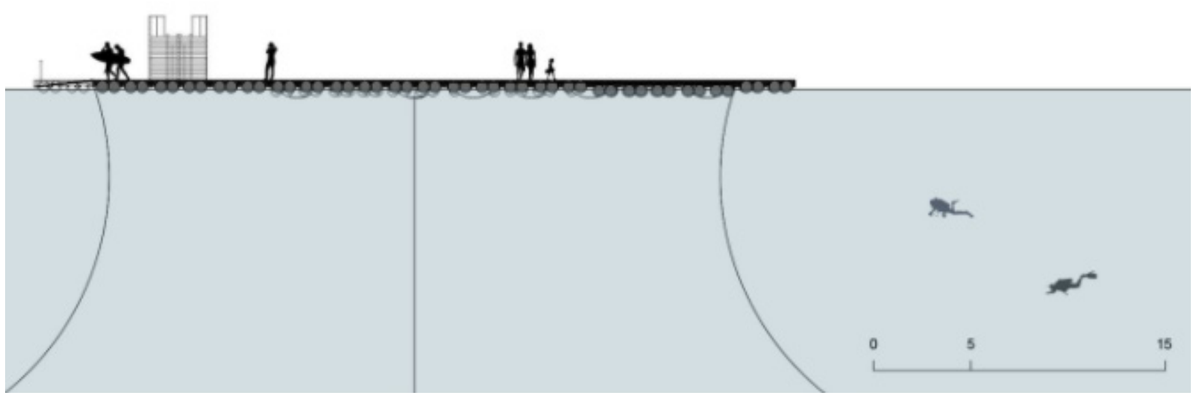
não há rio de janeiro sem paisagem. a cidade desperta seus encantos em sua geografia privilegiada: praias, morros e lagoas se combinam e convivem dentro de um visual deslumbrante, mundialmente conhecido. a contemplação é constante ao percorrer a cidade, seja de carro ou a pé. na praia da barra da tijuca, avista-se, de longe, um arquipélago constantemente apreciado por turistas e moradores, da terra firme para o horizonte. as ilhas podem ser registradas a partir de mirantes com vista privilegiada para estes cartões postais, ou até mesmo observadas e apreciadas por quem esteja passando pela orla marinha; seja no calçadão, na própria praia ou no quebra mar. todavia, a questão a ser levantada é: como seria deixar de somente apreciar a paisagem percebida e torná-la uma paisagem vivida? sob essa perspectiva, o projeto parte da contemplação estática e se desdobra por meio da apropriação dessa paisagem antes distante.

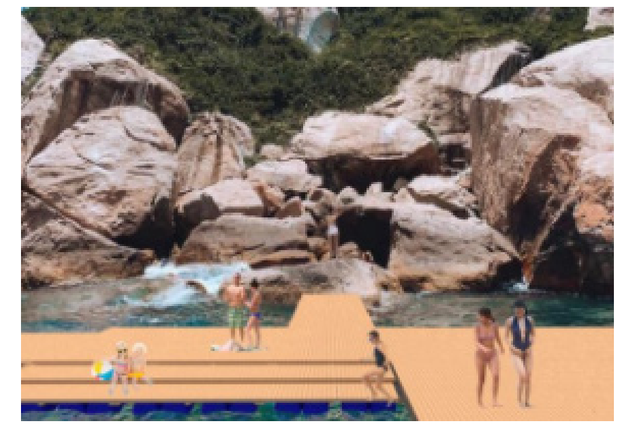
diante desta reflexão, propõe-se, em um primeiro momento, um elemento que acuse a estaticidade desse cenário e que desperte nos observadores a vontade de ir além, de transformar a paisagem percebida em uma paisagem vivida. para isso, é implantado na ponta extrema do quebra mar um enquadramento das ilhas tijucas, que nasce de uma rosa dos ventos indicando a direção, o ponto cardeal, do arquipélago. em seu suporte de sustentação,encontram-se informações sobre os aspectos físicos e biológicos do local, bem como instruções de acesso às ilhas.

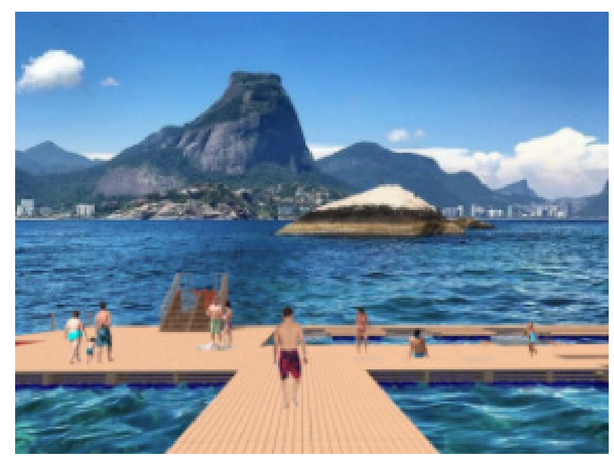












05 praça marcos tamoyo

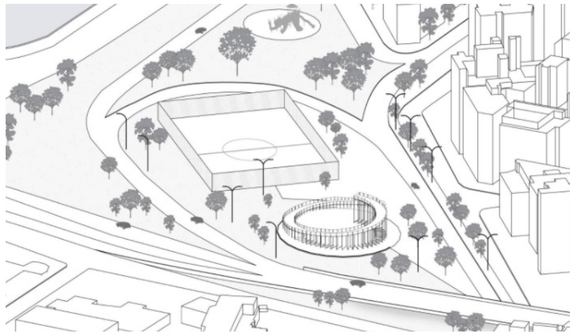
ana luiza britto
izabel wanderley

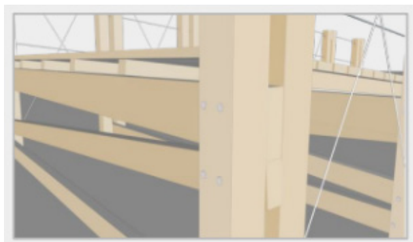
local que enquadra duas das principais paisagens de cartões postais do rio de janeiro: o cristo redentor e a lagoa rodrigo de freitas, marca a chegada na zona sul e reúne pessoas que buscam lazer, a praça marcos tamoyo, localizada na lagoa, foi desenhada pelo paisagista burle marx em 1970. o projeto atual conta com uma quadra de futebol, utilizada com bastante frequência e com uma laje circular que não tem a mesma popularidade.

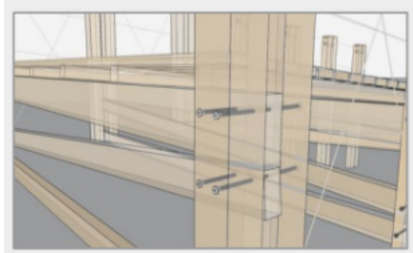
o intuito da intervenção é ativar essa área polivalente trazendo mais um atrativo que faça os usuários desfrutarem das qualidades visuais do lugar, para além da quadra. assim estimulando a apropriação desse espaço "público subutilizado, ativado pela força do trabalho conjunto em torno de alguma melhoria física local ou proposição de novos usos." (nogueira, portinari, 2016).

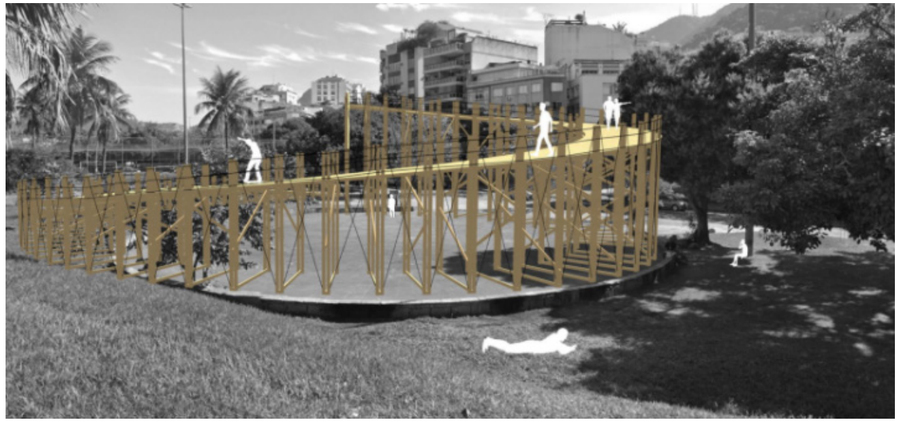
o projeto, que parte dos traços originais de burle marx, tem uma estrutura circular e em espiral que conduz o observador a ter uma visão panorâmica conforme sua subida. a forma helicoidal do mirante proporciona ao pedestre diferentes visadas. ao chegar no máximo gabarito de 7 metros, se destaca a silhueta natural da cidade que se encontra com o urbanismo, sem que o pedestre esteja vulnerável em calçadas estreitas em meio aos carros.

a subida em forma de passeio não é impositiva, mas convida o usuário para a estadia e exploração do espaço. o uso da madeira faz o projeto se destacar do contexto, trazendo também atenção a uma área esquecida entre um campo de futebol e vias de trânsito rápido.









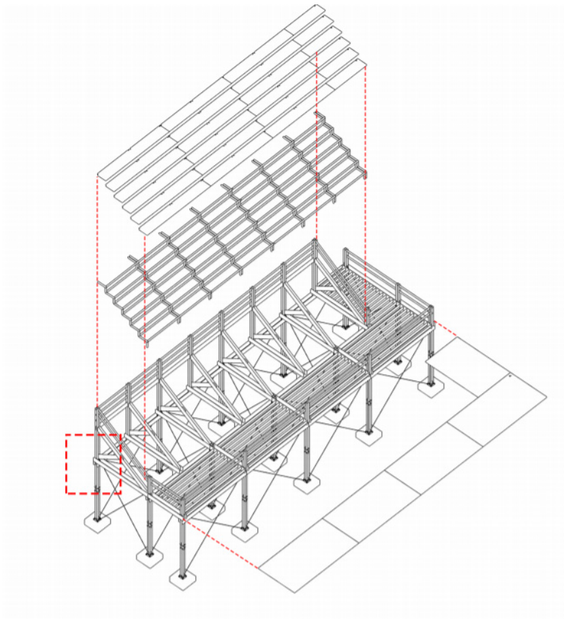
06 museu da imagem e do som

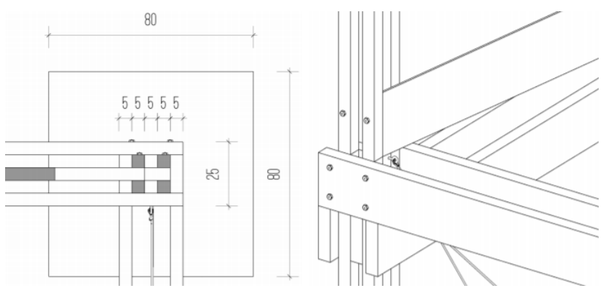
anna luiza bulluomini
patrick carvalho

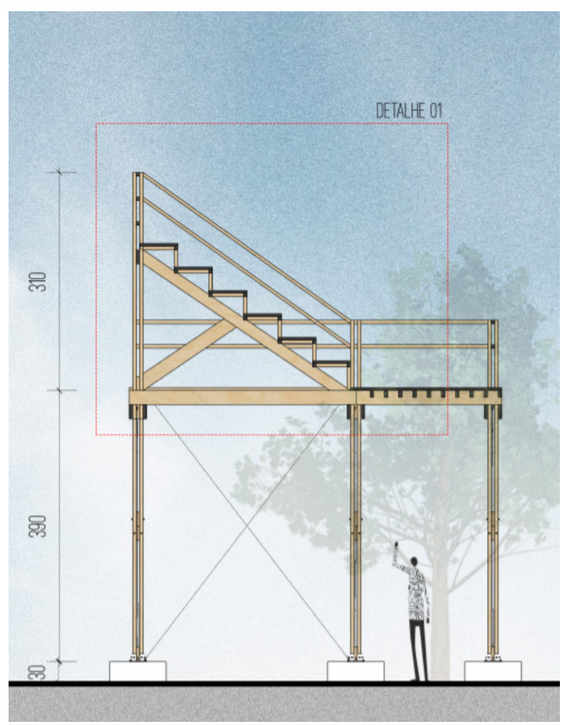
o edifício do museu da imagem e do som foi concebido pelos arquitetos americanos elizabeth diller e ricardo scofidio. a construção localiza-se no terreno antes ocupado pela boate help, conhecido ponto de prostituição na orla de copacabana. a expectativa inicial era de que o projeto fosse concluído em 2012, entretanto, devido a uma série de conflitos ocorridos desde o início das obras (2010), o processo de construção já se estende há mais de uma década.

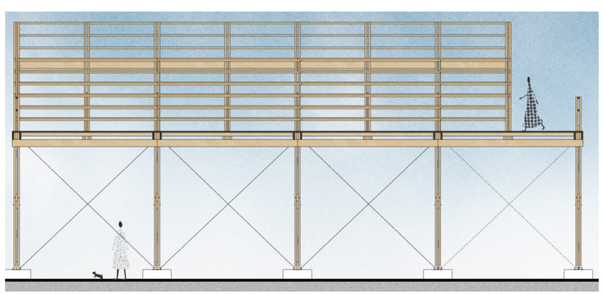
o projeto cinema em 3 atos surge como uma resposta ao ainda inacabado mis - copacabana. entre as propostas do museu, estava a construção de um cinema ao ar livre em seu último pavimento, o que motivou a adoção do cinema como programa a ser trabalhado em tom de crítica ao desmanche de equipamentos culturais representado pela imagem desse atraso nas obras. a ideia é trazer esse cinema nunca concluído para o espaço público, assim propõe-se o canteiro central da av. atlântica no trecho em frente ao museu como área de intervenção a ser trabalhada. entendendo o ato como uma expressão cênica, conectamos esse universo à arquitetura ligando os elementos que compõem o conjunto às ações exercidas neles, assim temos os 3 atos:

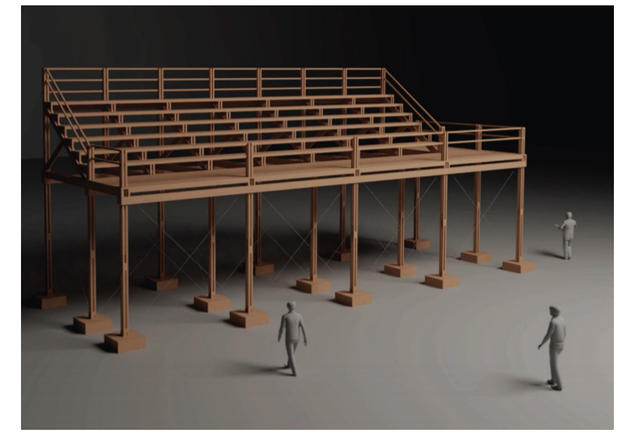
Ato 1. Rampa - elevar para ver
Ato 2. Arquibancada - ver para existir
Ato 3. Tela - projetar para expressar

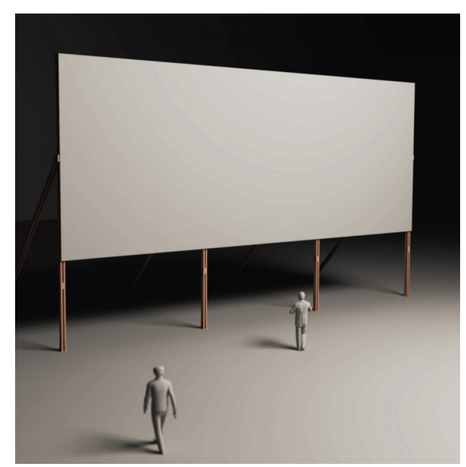












07 arcos da lapa

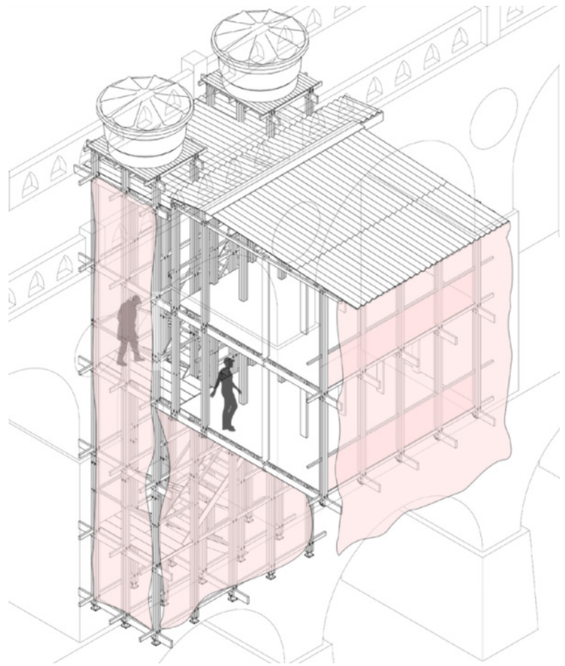
antonio figueiredo

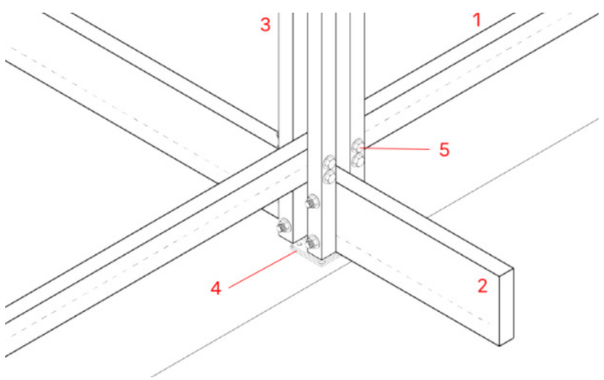
o incômodo que serviu como ponto de partida para o projeto vem do abandono que a população de rua do rio de janeiro enfrenta nos dias atuais. em uma situação de pandemia e pós-pandemia, essa população, que cresceu muito nesse período, se torna ainda mais vulnerável e invisível.

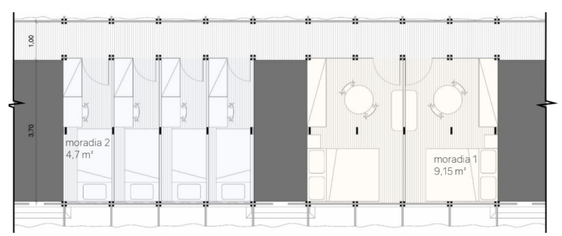
a partir dessa percepção do aumento da população de rua na cidade e da vulnerabilidade das mesmas, proponho uma intervenção efêmera em caráter de protesto, com a intenção principal de chamar atenção para o problema, dando visibilidade a causa, e ao mesmo tempo criando habitação para estas pessoas que estão morando na rua nesses tempos difíceis, através de um grande corpo estranho em um monumento da cidade.

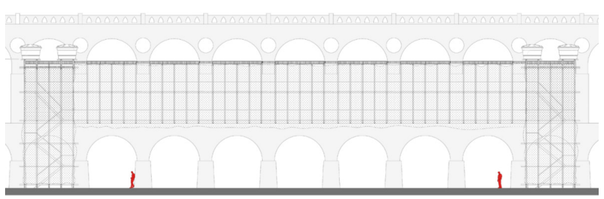
a escolha dos arcos da lapa como objeto para esta intervenção se deu a partir de diversos motivos, sendo eles o fato de ser um patrimônio importante da cidade e ter grande visibilidade, é um local com um grande histórico de manifestações político- sociais, e também o fato da região da lapa possuir uma relevância cultural e histórica como espaço marginal e de exclusão social, que se reflete nos usuários do projeto.além disso, a região do centro do rio é a que contém a maior população sem-teto de todo município, sendo muitos deles ocupantes dos arredores do antigo Aqueduto.

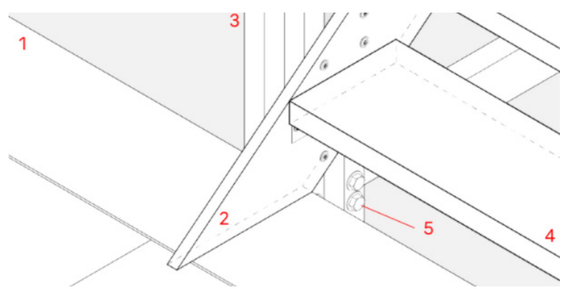
utilizando a estrutura dos arcos como base para a intervenção, o projeto busca ocupar seus vãos superiores, e se agarrar a essa construção de forma parasitária, como um organismo que depende daquela estrutura para se realizar.

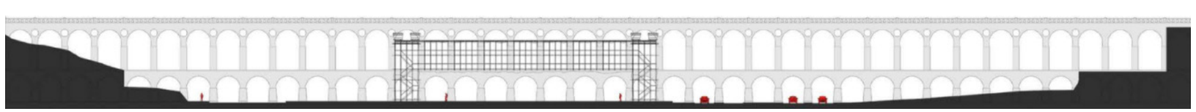










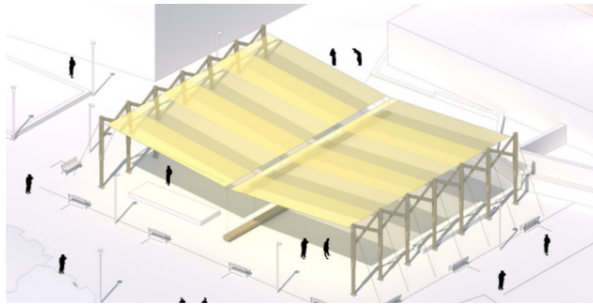


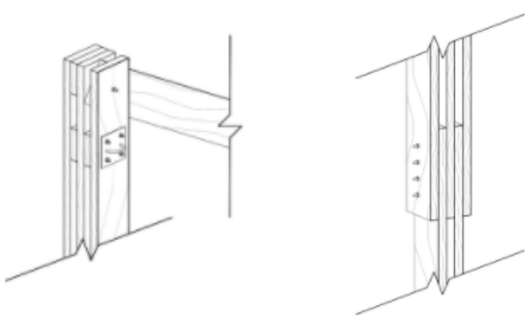
08 orla conde

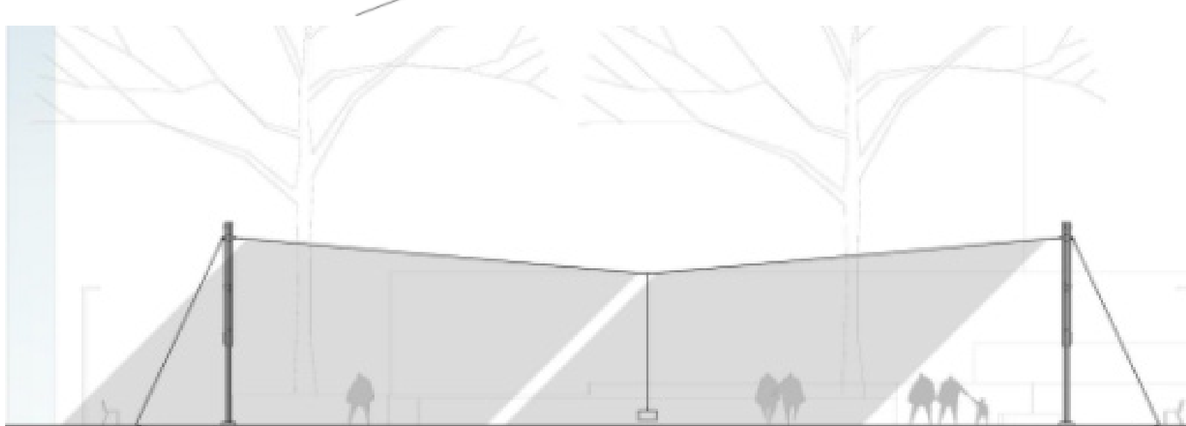
arthur rotstein
daniel lavinas

o projeto da orla conde se estabelece no cenário da criação de uma cidade olímpica, onde a vitrine seria a reestruturação da antiga região portuária da cidade. apesar do investimento, que chegou na casa dos bilhões, o projeto, após 5 anos de sua inauguração, não logrou efetivar toda a ativação e ocupação que a localidade deveria proporcionar. por esse motivo, estabelecer um projeto que responda a necessidade de ativação de uma área com a infraestrutura já estabelecida e subutilizada é a intenção dessa intervenção.

por que as pessoas não se sentiram à vontade para ocupar aquele espaço? a sombra. o que encontramos hoje, é um local onde há pouquíssimas árvores, nenhuma em determinados trechos, esse cenário acaba com qualquer possibilidade de ocupação desses espaços. além disso, é uma infraestrutura castigada pelo sol, com uma ambiência desagradável onde as pessoas não têm esse elemento indispensável para ocupar espaços ao ar livre em uma cidade como o rio de janeiro: a sombra. a ideia do objeto arquitetônico proposto é que o efeito dessa intervenção pontual torne visível as possibilidades de um sítio urbano infraestruturado, que pela carência de sombra, não promoveu o desempenho social compatível com os recursos investidos. para isso, escolheu-se um local de implantação que proporcionasse esse desempenho. o recorte, localizado entre a travessa do tinoco e a rua do rosário, possui a característica de se constituir a partir de uma diferenciação da pavimentação de 34x26 metros, que conforma uma praça dentro da proposta da orla.





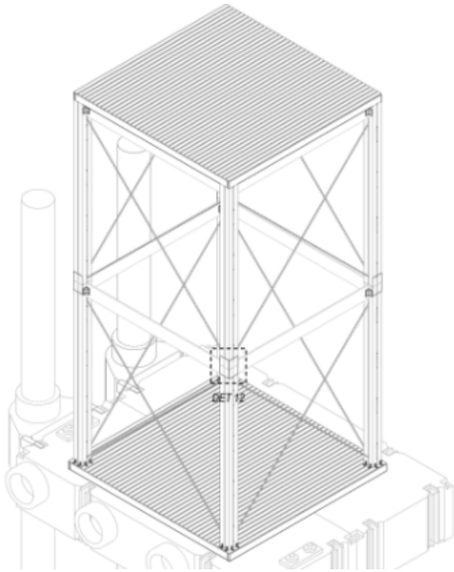


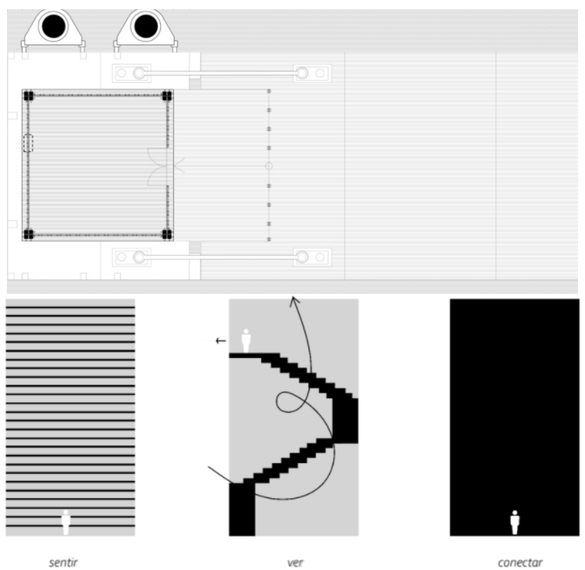
09 praia de atafona

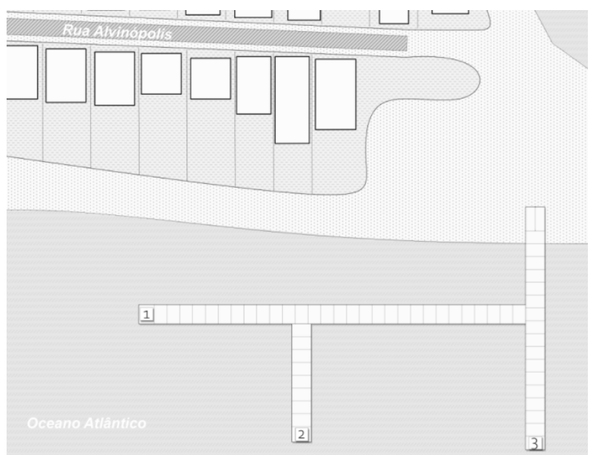
beatriz barcelos
bruna maia

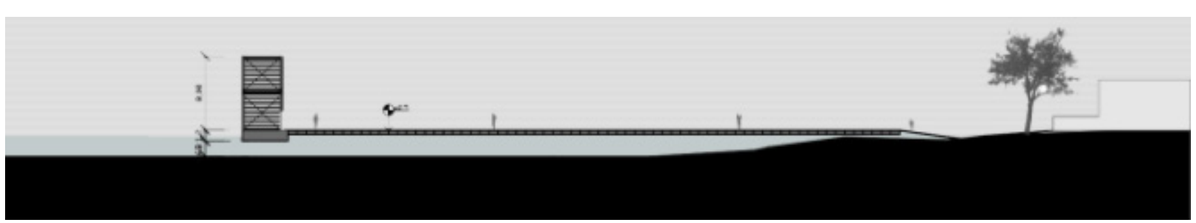
o projeto em questão fica localizado no distrito de atafona. este se situa no município de são joão da barra, no estado do rio de janeiro. o distrito é muito conhecido por abrigar a foz do rio paraíba do sul. atualmente, atafona é identificada como um balneário para os municípios vizinhos. muitos moradores de campos dos goytacazes usam o distrito como um local de veraneio embora a história do balneário tenha começado como um pequeno vilarejo de pescadores. a partir dos anos 50, tal vilarejo começou a sofrer com o processo de erosão do solo que foi agravado ainda mais pelas mudanças climáticas e as interferências humanas no rio paraíba.

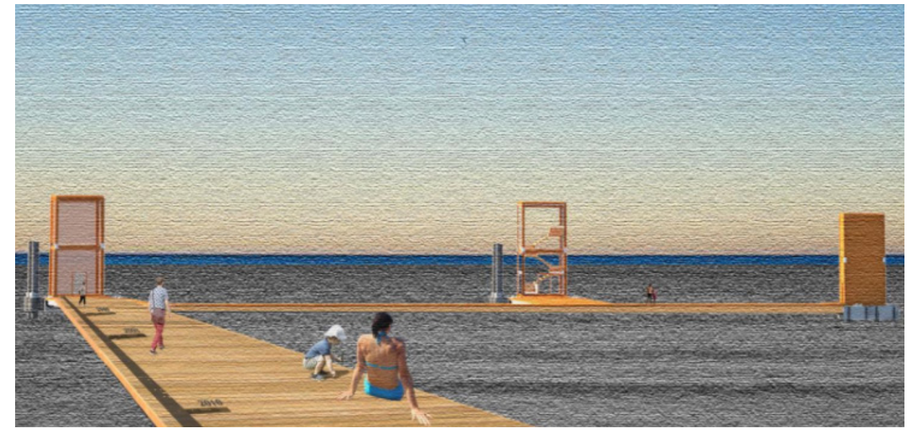
a escolha desse local para abrigar o projeto aconteceu devido a relação dos moradores com a tomada da parte urbana pela natureza ao passar dos anos. esses sofrem com a falta de controle acerca do limite entre a natureza e a arquitetura imposta no local, levando a um sentimento de perda de atafona. após diversas pesquisas e entrevistas com pessoas que frequentam e moram no local, foi identificado em todos uma relação de muito carinho e afeto pelo balneário. a luta diária pela imposição das moradias frente à natureza é um aspecto muito marcante na região, onde a maioria não aceita entregar seus bens. ao contrário disso, os mesmos acabam voltando a se realocar em atafona até se deparar novamente com a maré ao invés de se mudar de distrito. tais sentimentos de apropriação foram um dos motivos mais categóricos na execução do projeto.

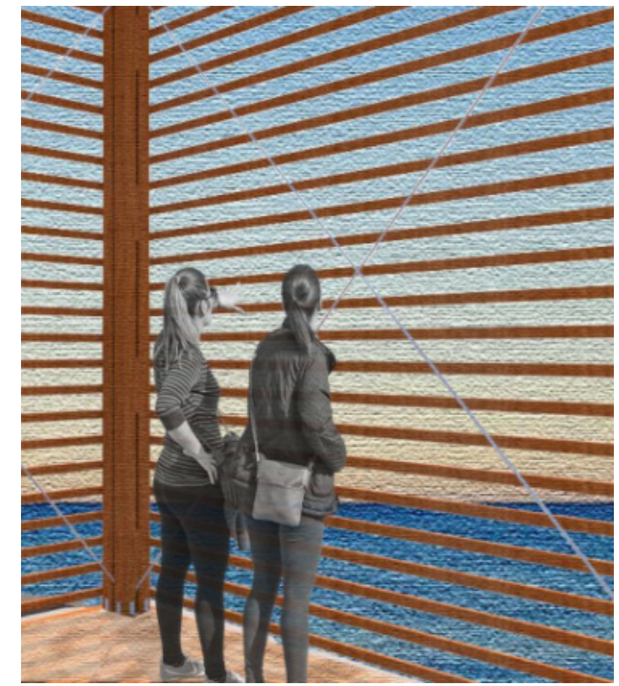












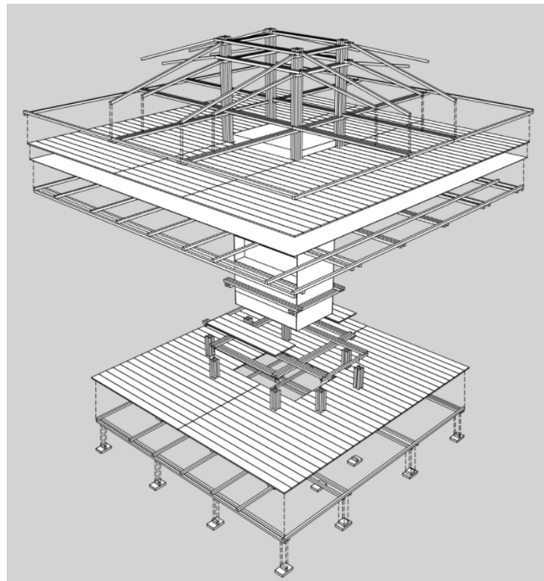
10 avenida princesa isabel

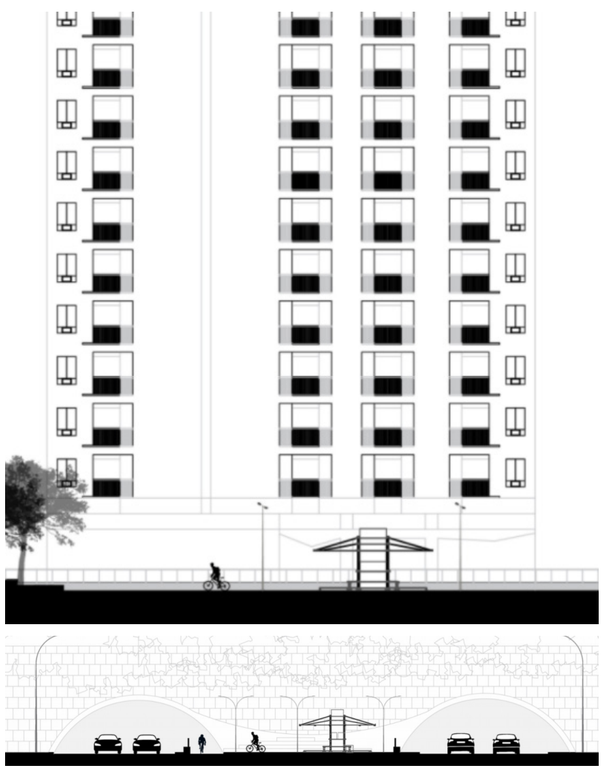
bernardo serran
giovanna tucci

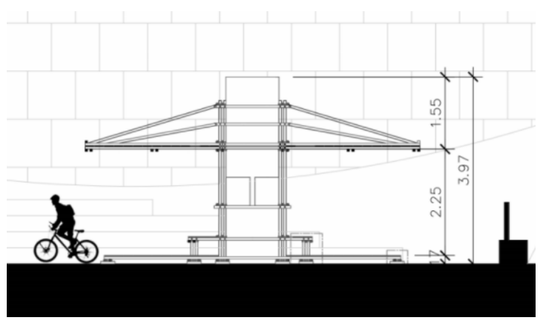
a intervenção surge da percepção da indispensabilidade de espaços na cidade adequados para atender novas demandas que surgiram em decorrência da pandemia do covid-19: especificamente o aumento substancial da quantidade de trabalhadores de entrega. considerando o momento atual, os efeitos de um cenário pandêmico e as mudanças de relações de trabalho e consumo com novos hábitos, o delivery, se tornou uma das formas mais utilizadas para a adaptação à nova realidade, passando de uma tendência para uma necessidade. com isso, a implementação de novos equipamentos urbanos se faz necessária.

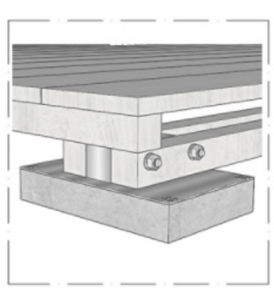
o dispositivo cria na paisagem uma experiência empática e de desempenho social aos entregadores de delivery e propõe uma reflexão sobre um problema latente no rio de janeiro, a cultura de implementação de bons equipamentos urbanos, além de um novo olhar para as novas necessidades da cidade em um momento pandêmico.

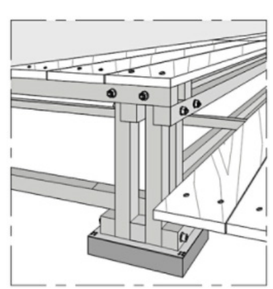
identifica-se a praça demétrio ribeiro como lugar predominante de passagem, localizada na avenida princesa isabel, em copacabana. Um espaço público extenso e ocioso com grande circulação, principalmente pela ciclovia, que liga os bairros de botafogo, leme e copacabana, tendo grande tráfego nos bairros da zona sul. O ponto escolhido está na divisa com o túnel novo, sendo uma área potencial comercial, neste sentido, o projeto se dá para um público que já se faz presente neste espaço, os entregadores de delivery. o espaço possui 22 metros de distância entre pistas e uma área de 2.596 m2, no total dessa ilha praça, sendo predominante a pedra portuguesa como piso para a implantação.

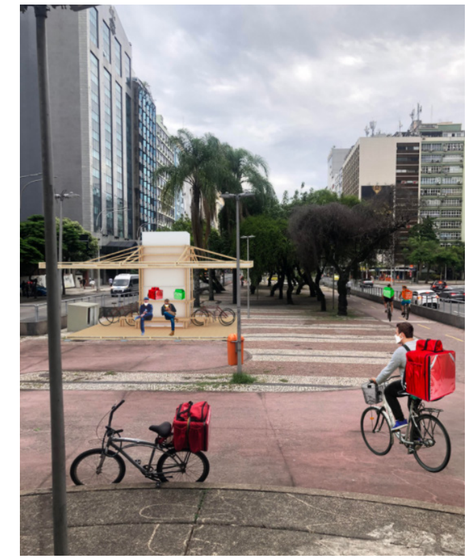








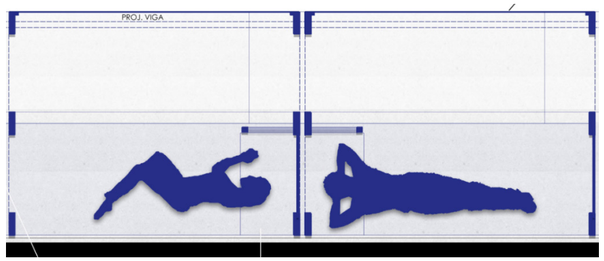


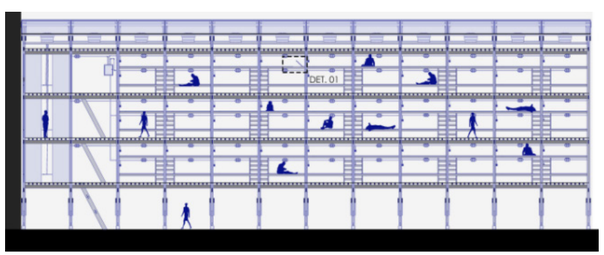


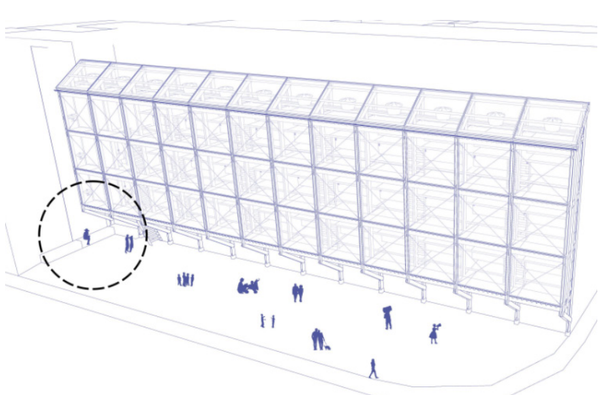
11 rua do lavradio

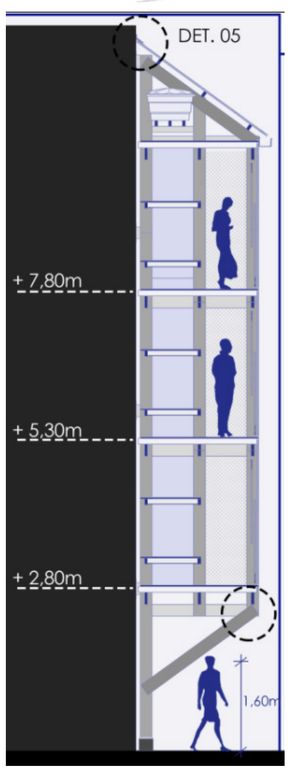
caio costa
esduarda bond

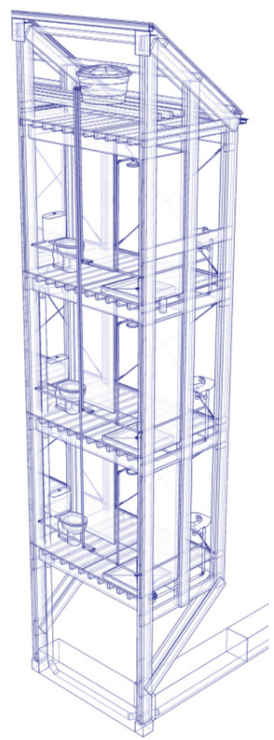
casulo.o habitar é o modo básico de se relacionar com o mundo.
a desigualdade social e a falta de urbanidade das grandes cidades brasileiras motivaram esse projeto no rio de janeiro. embora o público-alvo seja as pessoas em situação de rua, o projeto pretende atender a todos que tiverem necessidade de usá-lo, incluindo aqueles que estão de passagem pelo centro do rio. localizado no terreno da esquina da rua do lavradio com a rua visconde do rio branco, o projeto foi inspirado no incômodo que os moradores de rua geram na cidade. incômodo por se apropriarem dos vazios urbanos existentes. a intervenção vem como intensificadora desse incômodo, surgindo como elemento provocador a essa cidade imune, onde existem inúmeras barreiras pré-estabelecidas, físicas ou não físicas que refutam as ações desses moradores.
com infraestrutura de abrigos, sanitários, duchas, bebedouros e lavatórios, o projeto visa re-introduzir o morar e a água como bens básicos para a sobrevivência ao meio urbano, especialmente em momentos como a da covid-19. condenando a quantidade de espaços subutilizados existentes no centro da cidade, projetamos o que chamamos de casulo / capa protetora, feita pelas larvas do bicho-da-seda ou por outros insetos, dentro da qual sofrem a metamorfose. /, que é implementado, de maneira tática, ocupando a empena desse terreno, se abrindo para a rua e se apresentando como parasita /que nasce, cresce ou vive em outros corpos originados em outros seres vivos/.
o objeto age como gerador de reflexão, para um repensar do valor desses vazios, e da necessidade de que a cidade cresça sobre si mesma e não mais além.

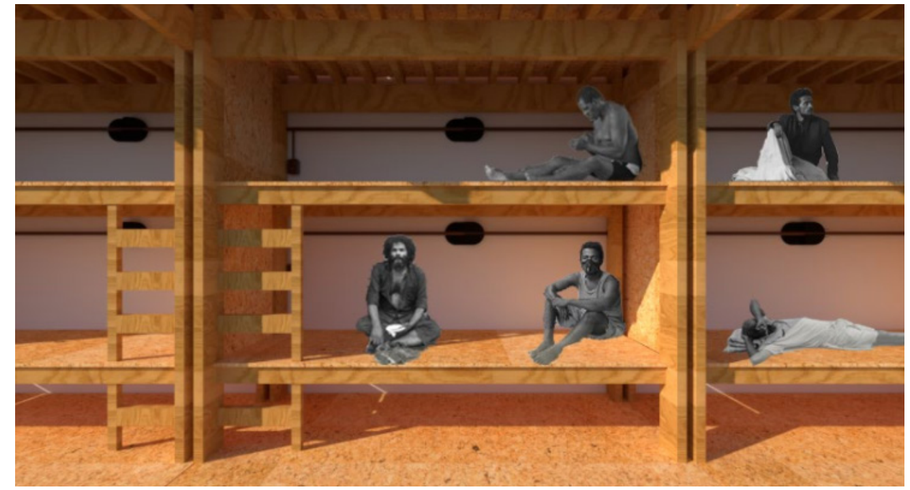










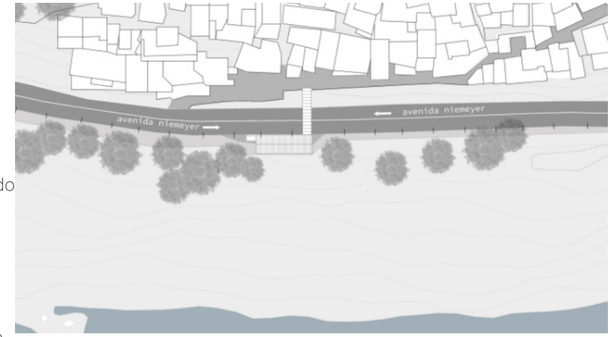


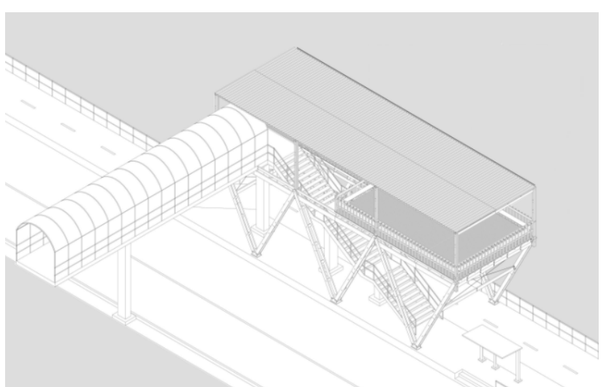
12 avenida niemeyer

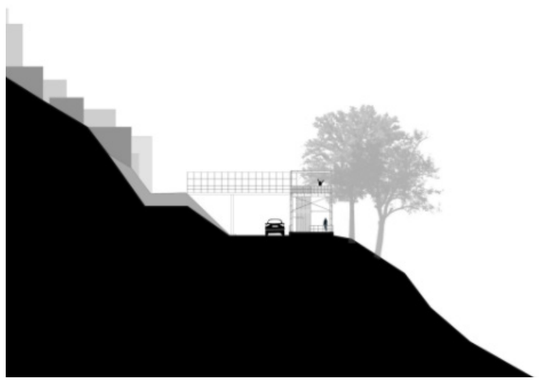
camila browning
giulia de santis

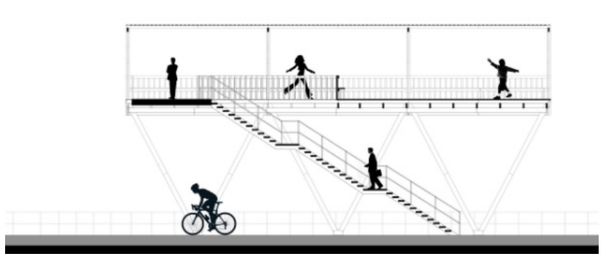
a intervenção surge a partir de um desconforto sobre a relação da avenida niemeyer com a comunidade do vidigal e a vontade de potencializar a conexão entre os dois. o impacto que a niemeyer tem como uma avenida expressa e de conexão entre dois bairros nobres, leblon e são conrado, ignora a existência da favela e reforça a ideia do vidigal como apenas local de passagem, à margem. essa separação se dá muito além do âmbito físico, pelos poucos acessos à favela e pela avenida nada integradora com suas barreiras, mas, também, no âmbito social, percebendo a niemeyer como uma linha segregacionista, dividindo dois mundos com diferenças sociais. Isso se manifesta, justamente, no contraste tão evidente entre morro e asfalto.

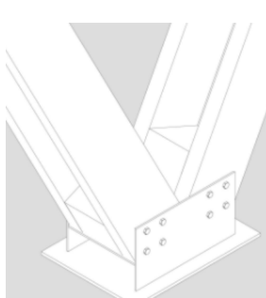
o local escolhido, uma passarela usada com frequência pelos moradores, com acesso ao outro lado da avenida, onde está um ponto de ônibus, é uma das poucas conexões entre a favela e a avenida. aproveitando esse ponto de trânsito e o fluxo existente, a intervenção temporária tem o intuito de reafirmar a existência do morro, e, ao mesmo tempo, proporcionar o desaceleramento no entorno dessa avenida expressa. assim, propõe-se um ponto de respiro, que permite o encontro e aproximação da paisagem com as pessoas, além de um espaço democrático, proporcionando usos distintos para cada usuário. O projeto fortalece a dinâmica e a permanência que já acontecem dentro do vidigal, trazendo-as para serem vistas. além disso, tem o intuito de desafogar a compressão da alta densidade habitacional vista no Vidigal, sendo um espaço mais amplo do que os moradores têm disponível, visto que na comunidade quase não há chão desocupado.

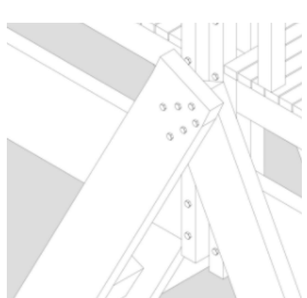












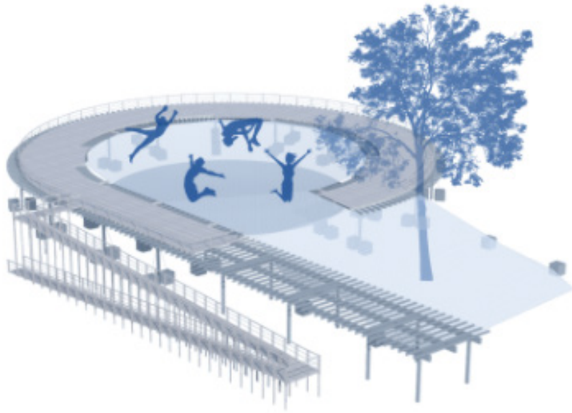
13 parque dos patins

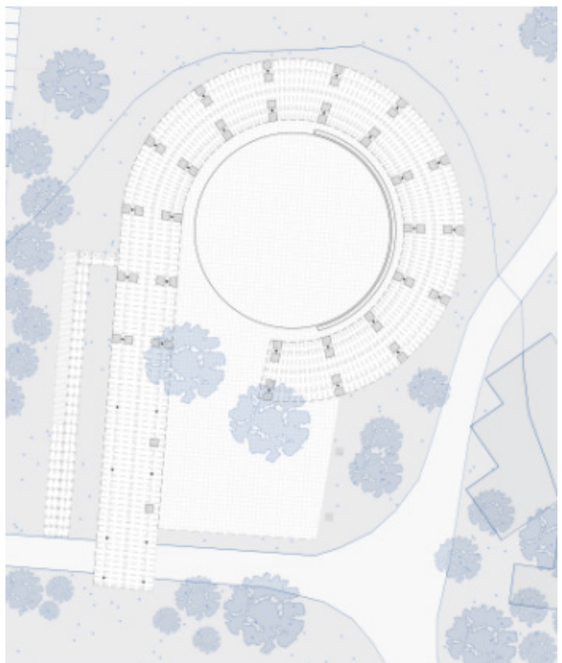
catarina medley
maria eduarda vieira

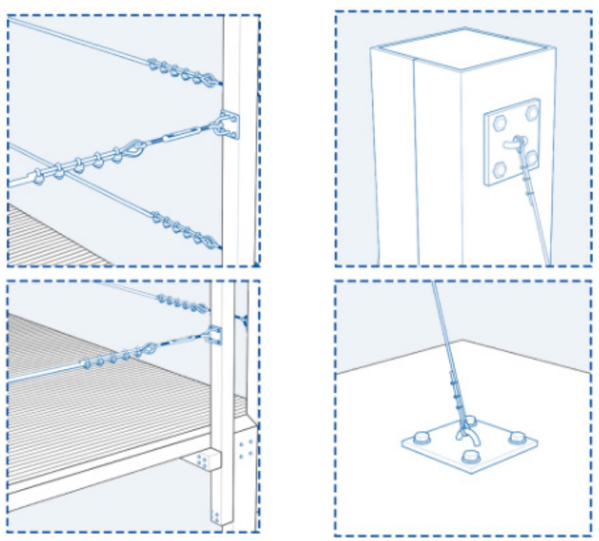
a escolha do local de atuação surge a partir da vontade de potencializar um lugar adormecido. a instalação se encontra no menor pergolado do parque dos patins, na lagoa rodrigo de freitas, na zona sul do rio de janeiro. com um pergolado maior logo à frente, entre outros espaços de lazer na área, o pergolado menor é deixado de lado. atualmente, ele se encontra vazio, apenas com bicicletas para aluguel ao seu redor. nasce, a partir daí, o desejo de fortalecer esta estrutura menor, mas alterando-a o mínimo possível.

a lagoa está sempre em movimento. mas o que levaria esse fluxo para o pavilhão? um deck é criado em cima do pergolado de concreto já existente, de maneira a trazer uma nova perspectiva da lagoa para os seus usuários. no miolo da construção, uma rede, que se estende até o chão, tornando o ato de subir algo que desperta curiosidade. a forma, aberta, permeável em todos os seus sentidos, acolhe os visitantes. a rede, nesse sentido, reforça a permeabilidade proposta, criando, nela, espaços de percursos variados e de descanso/lazer.

o percorrer, sempre muito presente na proposta do projeto, não só se dá no chão - com o caminho sugerido pela própria cobertura existente - ou no deck e rede criados, sendo evidente, também, na rampa proposta. deslocada da edificação e com estrutura totalmente independente a ela, a rampa se integra perfeitamente ao projeto, valorizando o caminhar e tornando a subida acessível a todos. o subir, nesse sentido, pode se dar tanto na sua forma concreta, que acontece em parte do perímetro do pergolado, quanto na sua forma desconstruída, materializada na rede que sobe. ambos garantem a fluidez entre esses diversos espaços/momentos.







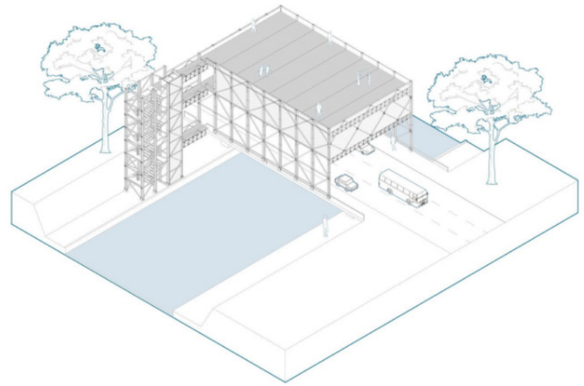
14 jardim de alah

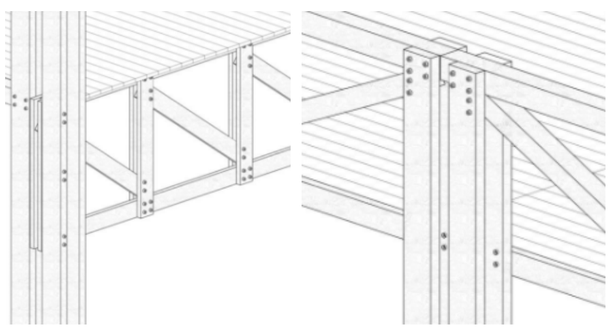
clara dorville
clara gueiros

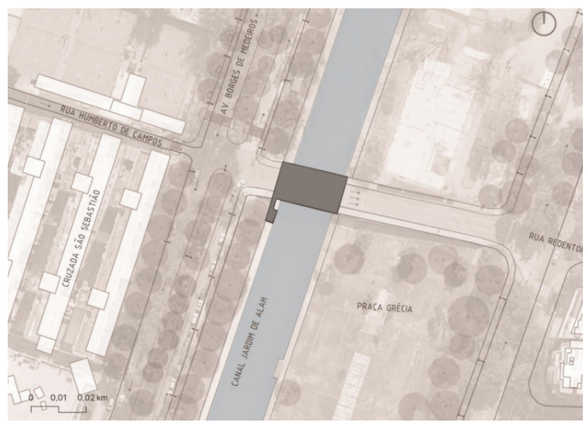
a cruzada são sebastião apesar de sua importância e história conturbada é um ponto esquecido, ignorado e temido na cidade. ao longo de sua existência, os locais que a circundavam e serviam de apoio para atividades de lazer: como soltar pipa e confraternizações, deram lugar a muros, shoppings e clubes. sendo assim, o conjunto representa resistência e memória das favelas expulsas da zona sul do rio e daqueles que persistem em existir no bairro com o mais caro m2 do país.

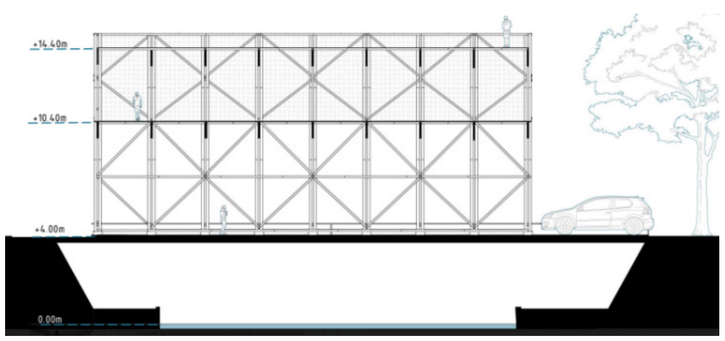
o ponto escolhido para a intervenção é a ponte existente em frente ao conjunto no jardim de alah, que conecta a rua humberto de campos à ipanema. entende-se essa ponte como elemento fundamental para concepção do projeto, uma vez que essa foi responsável por trazer maior visibilidade ao conjunto, de modo a atenuar, mesmo que de maneira sutil, seu caráter de "gueto" no bairro. sendo assim, o projeto se apropria dessa para remarcar a existência e resistência desse conjunto e seus moradores com a realidade distinta na qual estão inseridos, de modo a refletir sobre as dicotomias socioeconômicas existentes nos símbolos de pipas e muros. o projeto, portanto, configura-se como um tensionador e denunciador de diferentes realidades, assim como um local que devolve à comunidade o que lhes foi tomado: área de lazer e encontro.

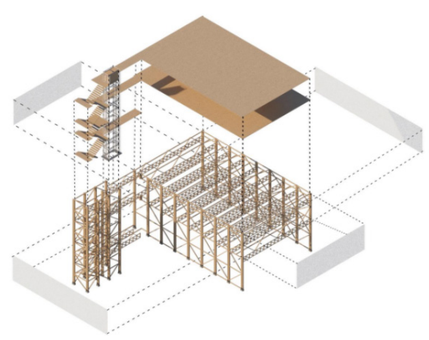
a intervenção, primeiramente, ao se elevar em relação à ponte, se apoia em sua estrutura, sendo indissociável da mesma. nesse contexto, vence 2 vãos: o da largura da rua e o do comprimento do canal, se utilizando, assim, de treliças e contraventamentos nos dois sentidos para sua estruturação, com formas e materialidades que remetem a estrutura de uma pipa.

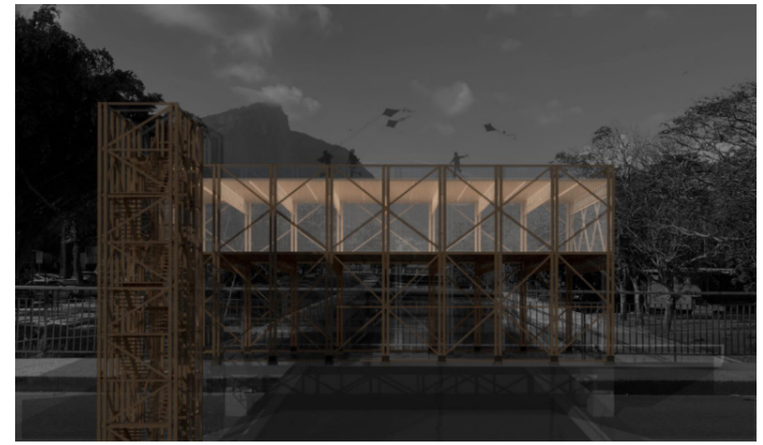












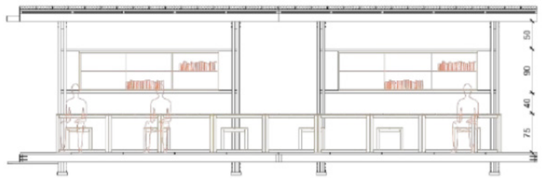
15 parque recanto do trovador

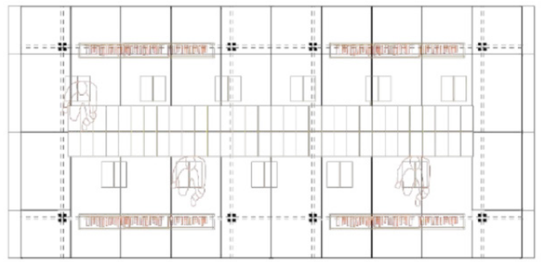
deborah bekierman
vitoria soto

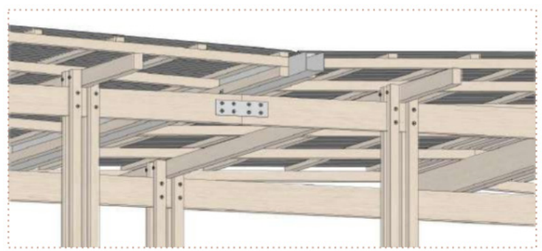
diante de diversos problemas que nos inquietam, vemos na educação uma urgência para ser trabalhada, ainda mais diante das novas complicações que a pandemia do covid-19 impôs. com o desejo de incentivar a leitura e o aprendizado, a nossa intervenção se destina especialmente ao público infanto- juvenil de todas as classes, pois vemos ele como o mais prejudicado dessa situação. dessa maneira, a nossa proposta busca responder, simultaneamente, às questões da educação e da pandemia, através da exploração de diferentes possibilidades espaciais projetadas com o intuito de incentivar o hábito da leitura e da educação, além de democratizar a informação e promover a troca interpessoal.

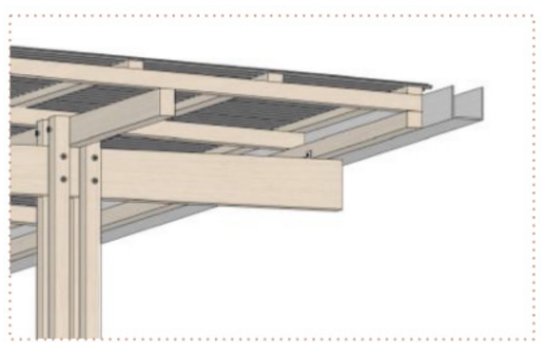
pensando em potencializar ao máximo nossos objetivos, o projeto foi idealizado a partir de algo modular que pudesse se desenvolver de diferentes maneiras, de forma a se adaptar aos mais diversos locais. assim, o módulo base foi idealizado a partir de um volume independente, onde as atividades se concentram em seu núcleo, liberando o seu entorno para a circulação. à medida que os módulos vão se conjugando, a intervenção ganha complexidade e maiores dinâmicas. sua alta capacidade de adaptação permite a criação de uma rede de oportunidades simultâneas, evidenciando seu aspecto de replicabilidade e potencializando o seu valor tático.

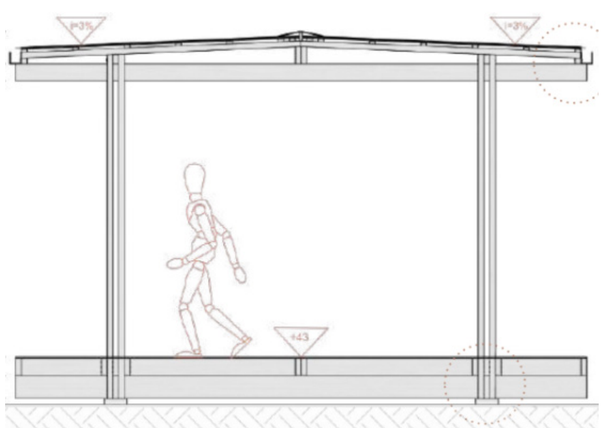
assim, escolhemos o parque recanto do trovador, em vila isabel, como local para o nosso projeto piloto, por ele se localizar próximo à diversas instituições de ensino e ao complexo dos macacos, atraindo, assim, o nosso público alvo, além dele contar com uma grande arborização que traz tranquilidade e distanciamento do caos da vida urbana, representando o local ideal para o desenvolvimento de atividades educacionais.

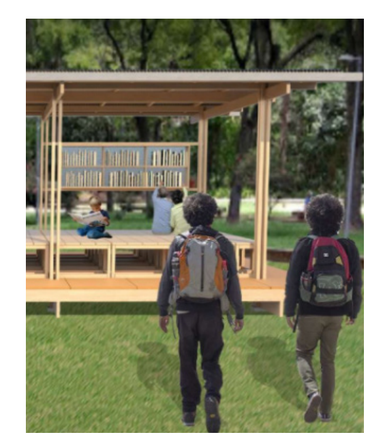












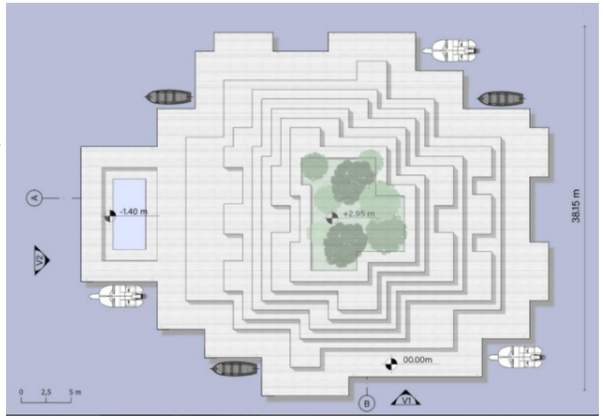
16 lagoa rodrigo de freitas

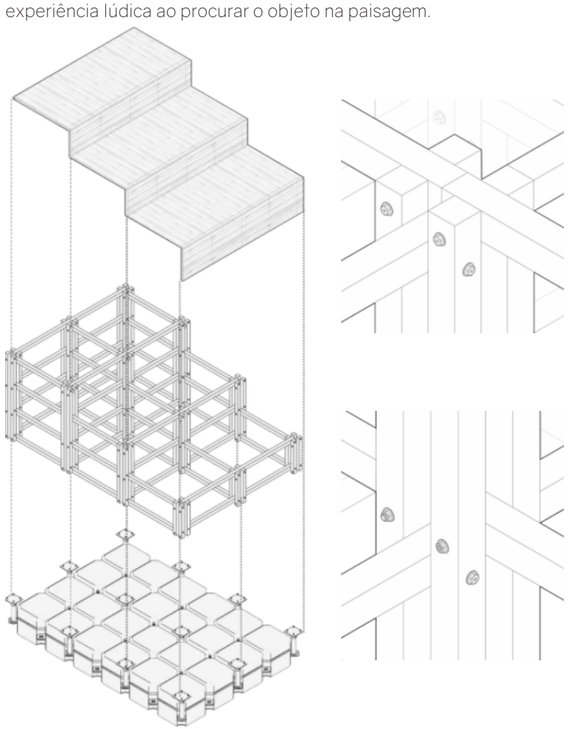
eliza motta
juliana martins

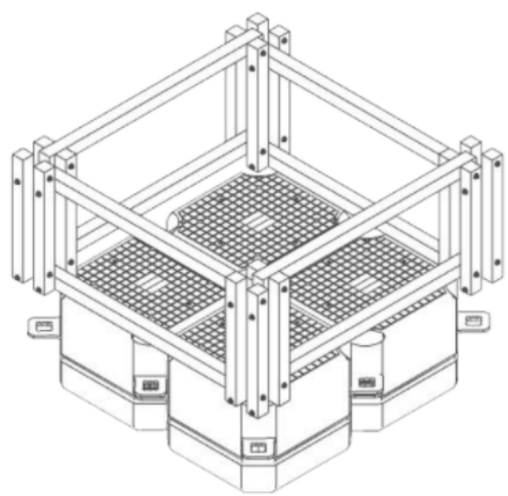
a lagoa rodrigo de freitas, um dos cartões postais mais conhecidos do rio de janeiro, dona de uma paisagem famosa e contemplada, é um ponto de lazer de intenso fluxo para cariocas e turistas, seja por passagem ou permanência. a maioria das atividades recreativas como esportes, clubes, feiras e patinação ocorrem em suas margens, com 7,5 km de extensão e mesmo que haja atividades aquáticas como remo, vela, ski, pescaria e outros dentro da laguna, estes são limitados aos clubes marginais, tornando o contato direto da água com o público geral mais restrito.

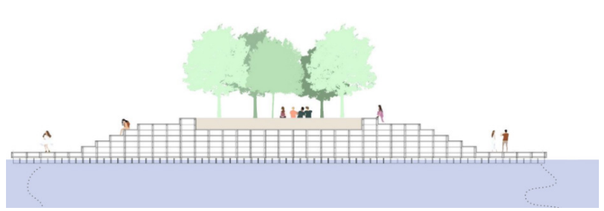
desse modo, nosso projeto é pautado na conexão deste entorno e a água não explorada diretamente pelos visitantes. assim, levamos aqueles que vão à lagoa para dentro d'água, por meio de um objeto escultórico no meio da lagoa que pode ser acessado pelos transportes aquáticos tradicionais existentes, como pedalinhos, jet ski, barco, onde ele encontra uma ambiente recreativo voltada para observação da lagoa, suas atividades esportivas e belezas naturais, mas que também pode ser contemplado, apenas de suas margens, divertindo o público ao redor, na imagem lúdica de uma "ilha flutuante".

o projeto se estrutura-se a partir de um plaqueada flutuante modular de 370 x 485 x 485 mm, composto polietileno , em cima erguem-se, na forma de arquibancadas assimétricas formadas pelo empilhamento de módulos de 1 x 1 x 0,40 m de peças de madeira pinus do catálogo twbrazil , onde 7 níveis de estrutura se estende por 49,17 x 38,15 m. buscou-se ao realizar tal operação, replicar a forma natural de uma ilha, construindo uma "topografia artificial", que flutua-se pela lagoa, fixado por âncoras a fim de evitar que encalhe em partes assoreadas da lagoa mas com margem para movimentação , levando o visitante em uma experiência lúdica ao procurar o objeto na paisagem.







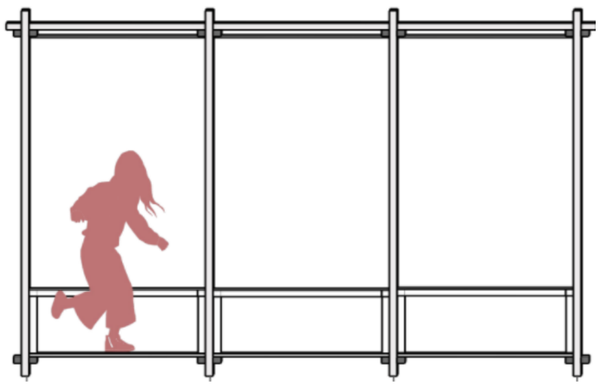


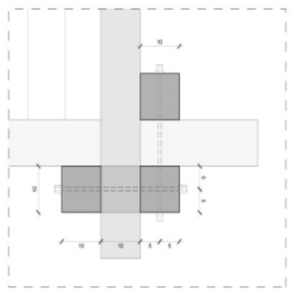
17 praça dos eucaliptos

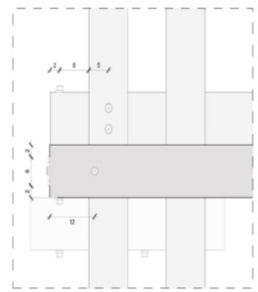
estephane aquino

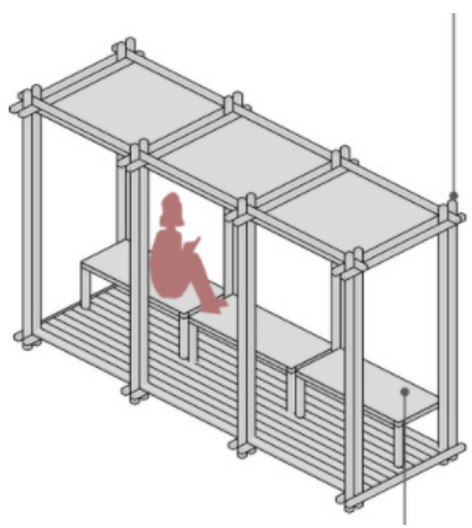
a praça dos eucaliptos, já foi palco para grandes eventos no município de queimados. o seu espaço físico já foi meio de embate de corpos e sonhos, lugar intencional de encontro, da permanência, dos acontecimentos, de práticas sociais, de manifestações da vida urbana e comunitária. promovendo a interação, buscamos reconstruir a cidadania tanto para com os outros quanto para com a cidade como espaço de união de todos.

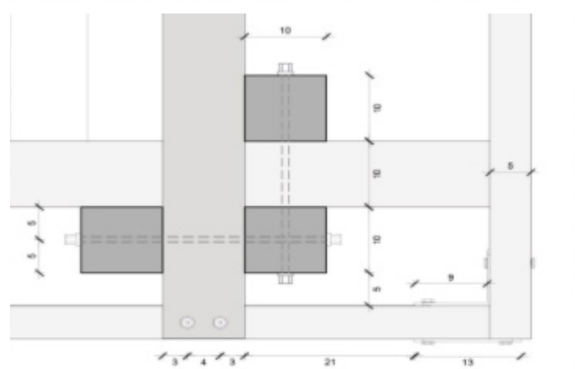
situamos uma malha na praça, como uma instalação que oferece espaço de inclusão e ilusão, no qual o visitante é convidado a imaginar e construir outra cidade. assim como o sítio de intervenção, o projeto possui um caráter mutatório. a estrutura base recebe elementos que adaptam o dispositivo em diferentes funções, atendendo a eventos culturais, demandas funcionais e de lazer ao longo do ano, mas sobretudo em relação às diferentes formas de atuação do sítio com a dinâmica da cidade. dessa forma o projeto oferece dispositivos de apoio e intervenção à população, configurando uma nova perspectiva à praça dos eucaliptos, através da ativação dos sentidos.

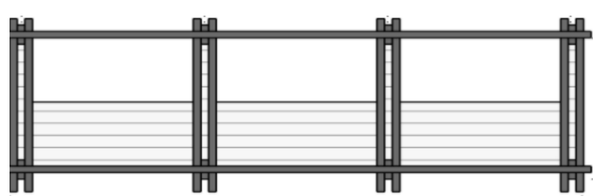












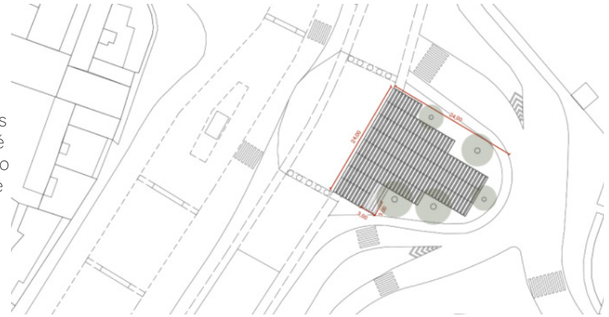
18 praça almirante nelson gomes

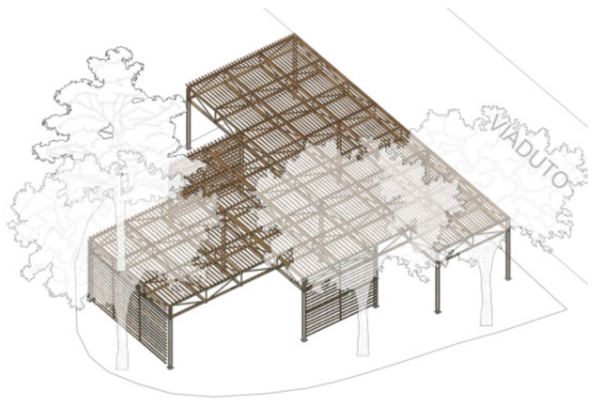
gabriela gandelman
isabela souto

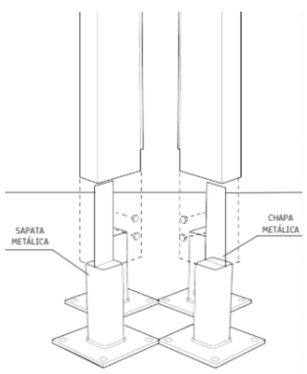
a praça almirante nelson gomes fernandes, no bairro de madureira, antes uma grande área circular, foi cortada pela chegada do viaduto almirante nelson gomes em meados dos anos 50. como consequência o local foi descaracterizado como praça e se tornou mais um local de passagem do que permanência.

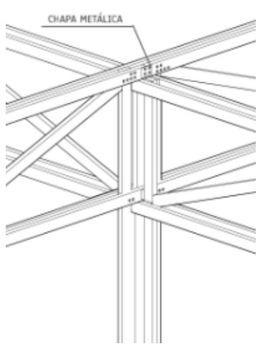
hoje renomeado negrão de lima, o viaduto dividiu a praça em três partes: uma coberta pelo próprio viaduto e outras duas remanescentes. é possível perceber que hoje as partes descobertas, apesar de amplas, são áreas subutilizadas, enquanto a área sob a proteção do viaduto se enche de vida e abriga diversas atividades como feiras e bailes.identificamos a sombra e abrigo que o viaduto proporciona como fator de origem. o que possibilitou o desenvolvimento do caráter ativo e significativo para a comunidade que o viaduto possui hoje.

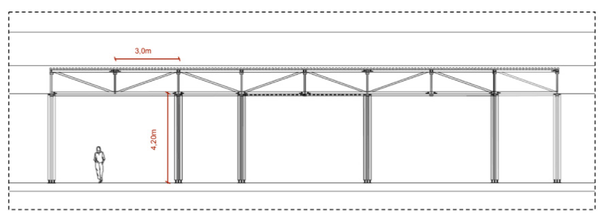
a praça almirante nelson, hoje reduzida a uma grande rótula viária, é paralela ao viaduto mas ao contrário dele, não é apropriada pelos moradores. é quente, árida e desprovida de sombra, o fator que transforma um viaduto comum num espaço atraente. percebemos a necessidade de conexão entre os espaços, um entrelace entre o espaço mais enclausurado do viaduto e todo o espaço aberto que a praça oferece, essa junção intensificaria o uso de um espaço já rico, transformando a rótula que mal identificamos como praça. assim, é evidente que para que a praça almirante nelson seja um catalisador dos acontecimentos que já florescem sob o viaduto ela precisaria de um mecanismo, algo para proteger os transeuntes do sol quente de madureira, e fornecer um espaço livre para permitir a apropriação do espaço pelos transeuntes e pelas mais diversas atividades. Portanto ela precisa de uma Cobertura.

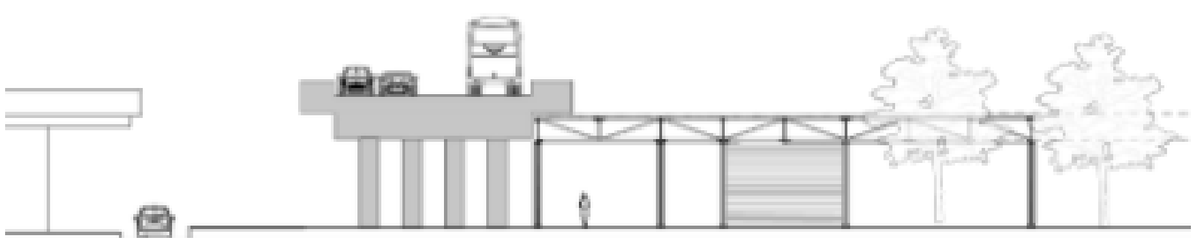


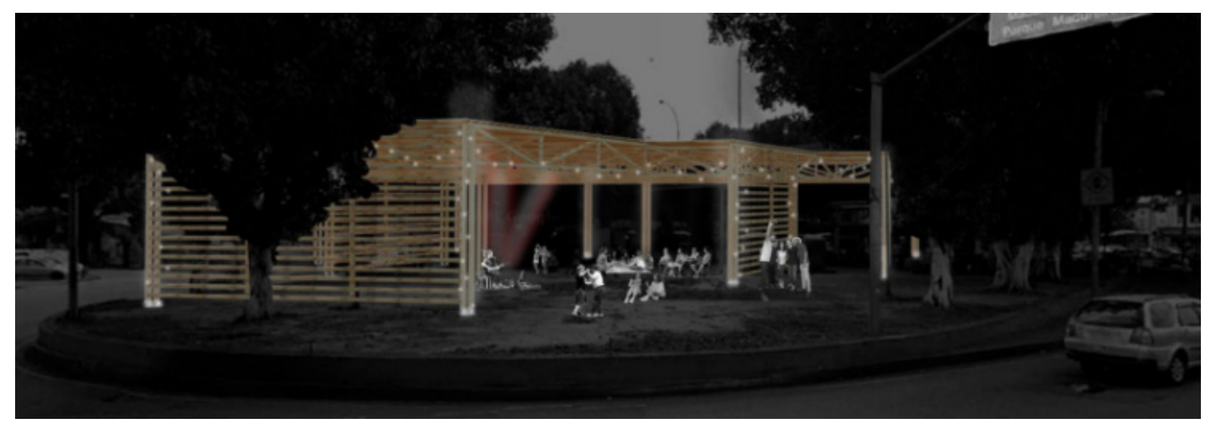








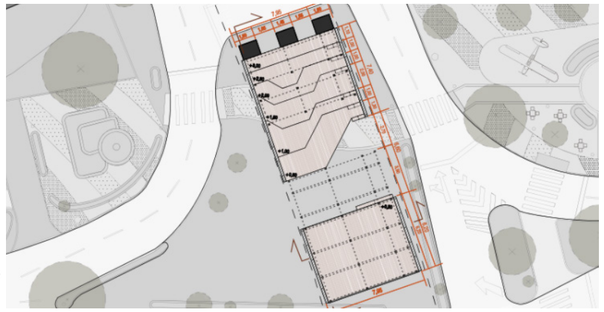


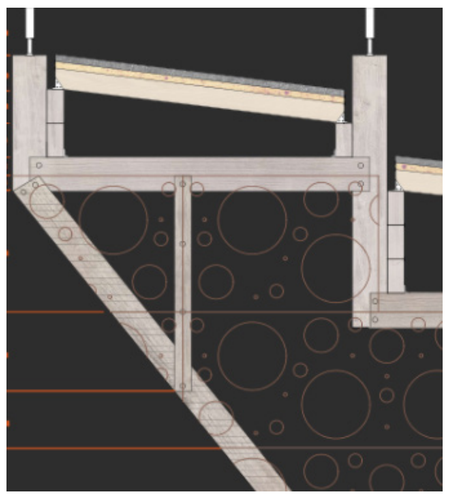


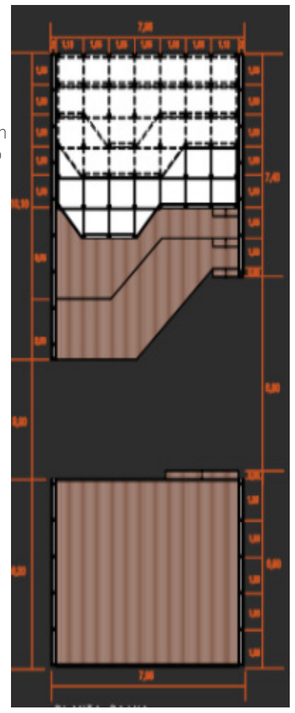
19 viaduto engenheiro noronha

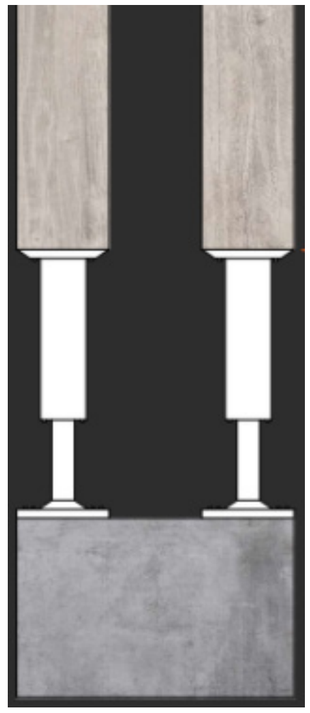
gabriela tavares
luiza doffini

a lacuna gerada no baixio do viaduto engenheiro noronha, no bairro das laranjeiras, era consequência de um espaço residual, degradado e de pouco estímulo público. no cenário pré-pandêmico ocorria vivamente o movimento dos moradores chamado viaduto laranjeiras que visava uma ocupação contínua no local promovendo eventos programáticos como rodas de samba semanais, shows mensais, feiras anuais, ensaios de carnaval e outros programas mais esporádicos como exposições artísticas e iniciativas de auxílio aos moradores de rua. o painel da cássia eller, próximo ao local de intervenção, foi executado pela mesma organização no intuito de honrar o impacto de sua arte, ações democráticas e história para o bairro e inspirar o contato artísticos aos talentos locais. junto com o questionamento do resultado prejudicial das estruturas viárias para o urbanismo muito potente em laranjeiras, já que o centro do bairro há o viaduto cruzando a avenida principal, temos como objetivo transformar esse lugar coberto que dá passagem pública um convite para um espaço acolhedor ao canto e encontro. a essência do nosso projeto é potencializar a área como um lugar de extensão urbana com uso cultural e quebrar o estigma que afasta a população desse espaço pelo programa catalisador de fluxo constante de usuários e transeuntes. o projeto agrega a instalação de equipamentos de prática performática e permanência, visto a vontade dos habitantes da região em exercer esses atos de forma confortável em um local ideal, pela inserção de um palco e arquibancada.









20 praça alagoas

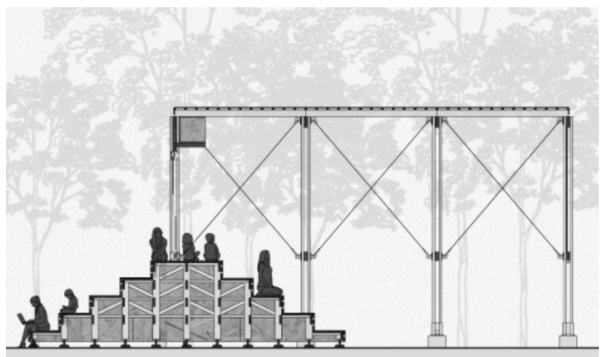
guilherme valim
joana martins

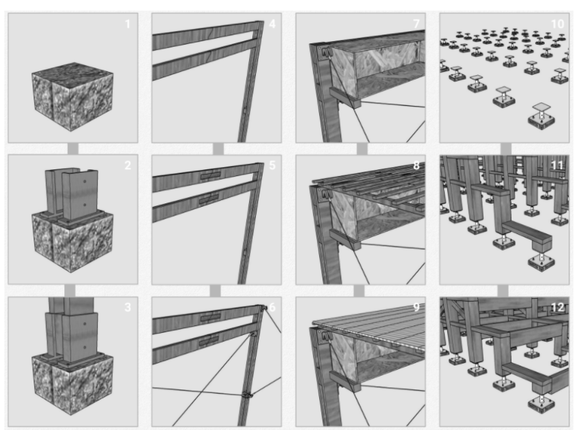
o local de intervenção escolhido é a praça alagoas, região da cinelândia, centro da cidade do rio de janeiro.

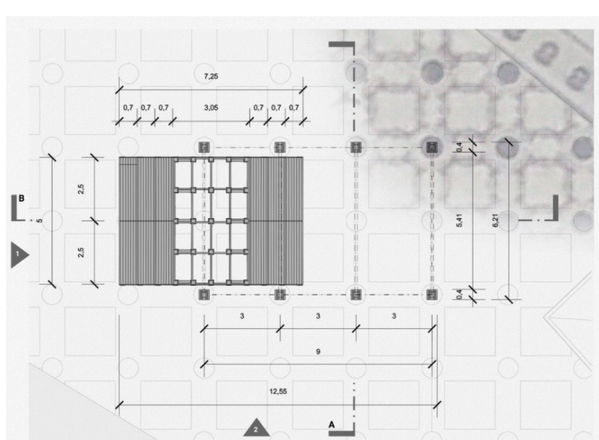
a escolha deve-se primeiramente à sua importância histórica, como ambiente de diversos acontecimentos relevantes. a cinelândia descaracterizou-se do seu lado cinematográfico, por conta das mudanças no centro, que ao passar dos anos se tornou mais empresarial e comercial. porém, atualmente vem retomando seu caráter residencial. além disso, a região da praça compõe-se como um local de muitos acessos, pela conexão entre ruas e meios de transporte.

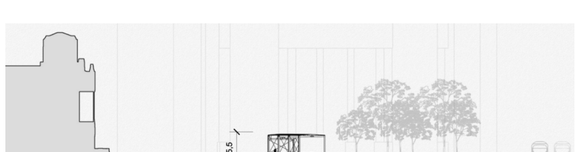
identificamos que a área da praça analisada carece de atrativos e dinâmicas ligadas aos valores político, artístico e cultural, com exceção das feiras que ocorrem esporadicamente promovendo atividades sobretudo comerciais. com isso, a fim de potencializar a relação das pessoas com a praça, promovemos uma instalação temporária e pública de exibições ao ar livre, que contempla os espectadores com uma programação cinematográfica brasileira.

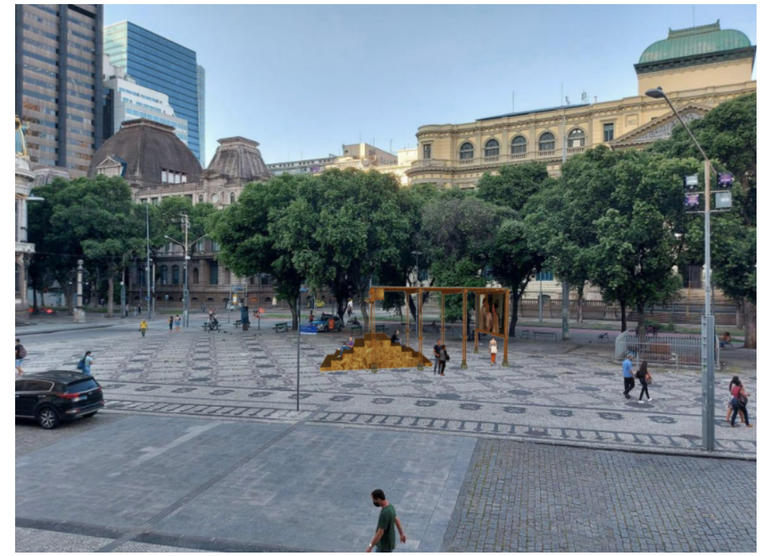
com base no texto de bibliografia indicada da disciplina, "perturbando a ordem das coisas", que discute sobre o tema geral do urbanismo tático, destacamos o trecho abaixo, que nos permitiu estudar sobre como elaborar um projeto a ser inserido em um local de amplo acesso. assim como nós, enquanto projetistas, os autores discutem o desafio de atender à "igualdade de oportunidades", e como elas podem ser proporcionadas em um ambiente, envolvendo públicos variados.

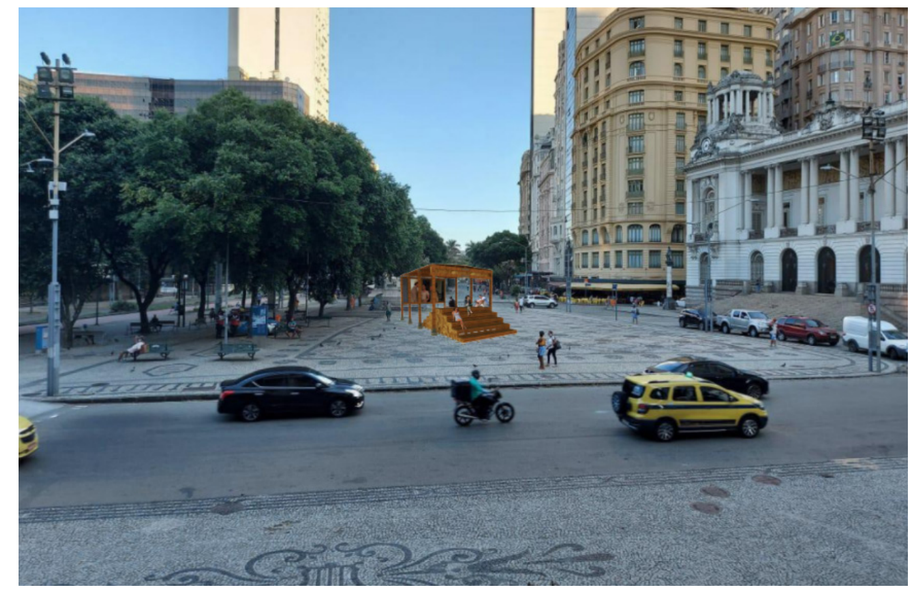












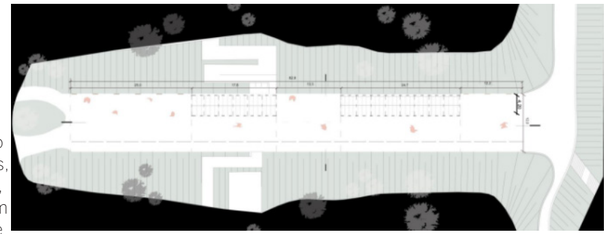
21 avenida das americas

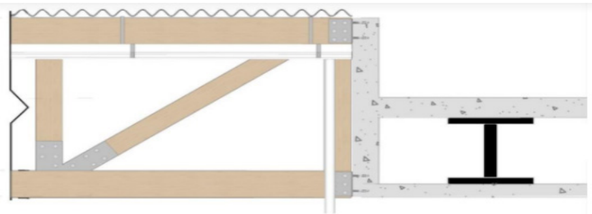
isabela antunes
victória nassif

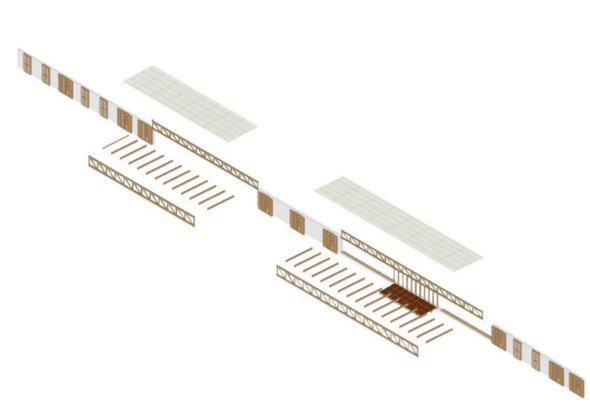
o desejo do ordenamento surge diante uma inquietação da conjuntura modernista implantada por lúcio costa na barra da tijuca. na ausência de um local de qualidade destinado ao pedestre, em meio ao conturbado fluxo de veículos da avenida das américas, surge a intervenção sob a passagem subterrânea em frente ao shopping new york city center.

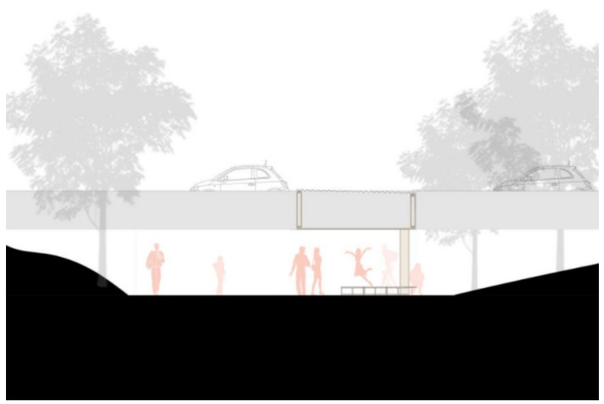
essa, que possui trechos diferenciados assim como o tratamento projetual dado a cada um deles, é composto por coberturas já existentes, as lajes do viaduto, onde se concentram a maior parte dos comerciantes, que vendem e armazenam suas mercadorias para o dia seguinte. também possui espaços ao ar livre, onde ocorrem apresentações dos artistas que tornam o local seu próprio palco, e um mínimo contato com o exterior que é bloqueado por grades de proteção. em meio a esse jogo de usos, o atravessamento também abriga uma estação de brt, o que potencializa ainda mais seus fluxos.

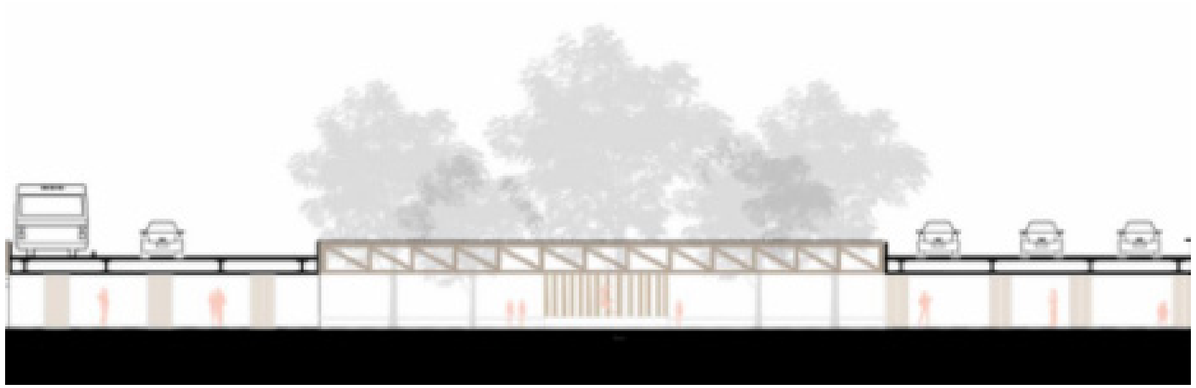
dessa maneira, idealizou-se o projeto através de uma entrevista feita com os frequentadores do local, sendo verificado que o atravessamento subterrâneo é muito utilizado diariamente em horários diversos por pedestres que buscam ir do ponto a ao b , porém que não possuem conforto durante o percurso, há falta de segurança que é agravada pela ausência de iluminação ao anoitecer , além do fato de também ser um espaço utilizado para atividades de comércio, o que torna a passagem mais do que o ato de caminhar.











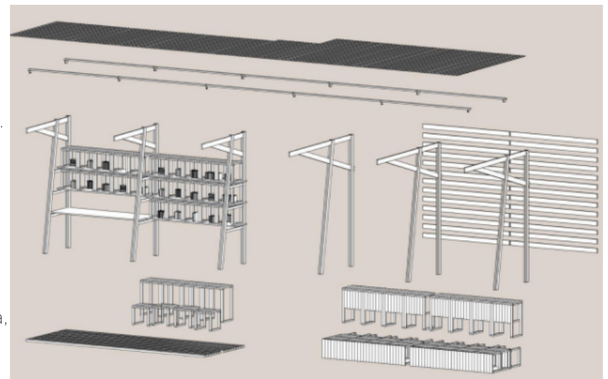
22 villa benjamin constant

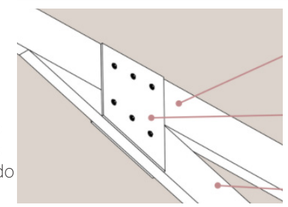
isabela barreto
thallia souza

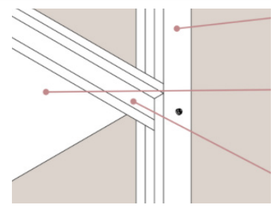
no bairro da urca, um local facilmente percebido por todas as esferas da sociedade, há uma vila, situada na divisa de botafogo, sem tanta visibilidade. na vila benjamin constant existem morfologias, espacialidades e patamares socioeconômicos diversos e é onde fica a praça do Imperador, abandonada, assim como outros espaços comuns, pela falta de percepção que está direcionada ao status do bairro famoso.

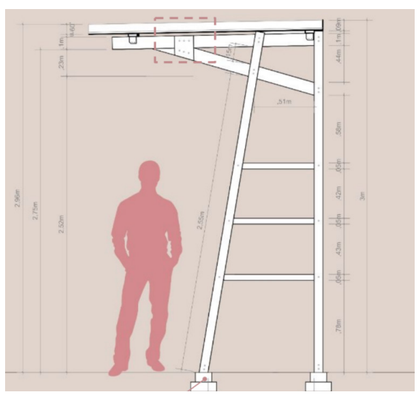
o espaço em questão é vivido por uma comunidade que habita o local há 80 anos, possui um projeto de feira gastronômica e cultural, além de eventos que buscam a integração de todos os moradores, sobretudo as crianças. a praça já fez parte desta busca e do cotidiano local, hoje, porém, é pouco usada, com uma área livre de 100m2 com duas mesas de xadrez e alguns bancos circundando-a. quando criada, pelo projeto bairrinho em 2001, foi um espaço importante de encontros e estabelecimentos de relações e criações de laços afetivos e sociais e identificação entre moradores e o local. atualmente, por estar desativada, não há mais criações de laços, pois não há recursos financeiros para a manutenção.

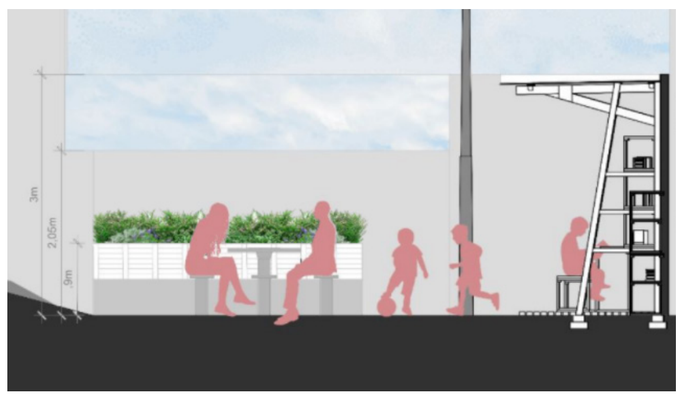
a fim de solucionar a falta de infraestrutura para compor novas experiências e reavivar o ambiente, o projeto visa a ativação do local através de um elemento que auxilie a integração entre vizinhos e visitantes, com novos usos e abrigando os já existentes, baseado em ações como: ler, estar e reunir, com uma biblioteca comunitária para incentivar estudos e leitura, principalmente das crianças, o espaço coberto com uma arquibancada permite diferentes usos, com mobiliário que se adequa a receber um novo ponto da feira, com bancadas, mesas de estudo ou reunião da associação e suscetíveis a novos usos de acordo com a necessidade do usuário e da comunidade.











23 arcos da lapa

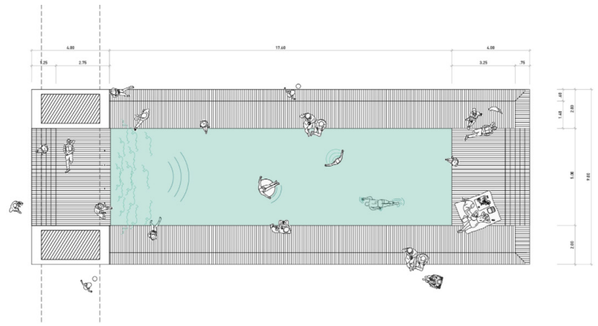
isabela coelho
sofia leonardos

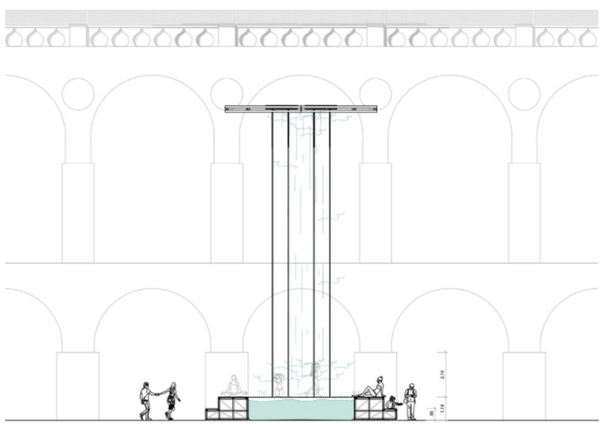
abrigo de um dos símbolos mais representativos do rio de janeiro e porta de entrada para as principais atividades da lapa, a praça cardeal câmara é palco de diversas atividades efêmeras e apropriações espontâneas que trazem um forte caráter democrático ao local. contrapondo-se a essa essência boêmia, a praça não se espacializa de forma convidativa. a ausência de sombra, mobiliário e acolhimento promovem um vazio árido em meio a vitalidade pulsante da lapa.

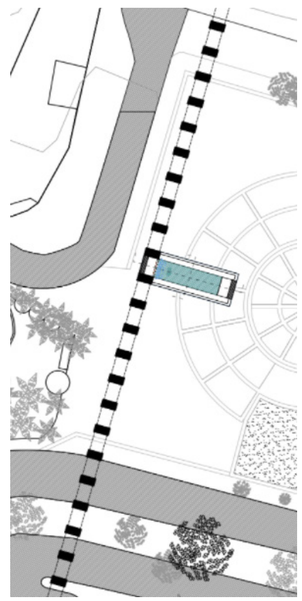
como a praça se apresenta atualmente nos leva a esquecer de que a água foi um elemento significativo na sua conformação. através da sua importância histórica como o aqueduto da carioca, os arcos da lapa permitiram que a água atuasse como um elemento central e modelador do espaço. as fontes públicas eram vitais para o rio, não só de um ponto de vista utilitário, mas também social e político.

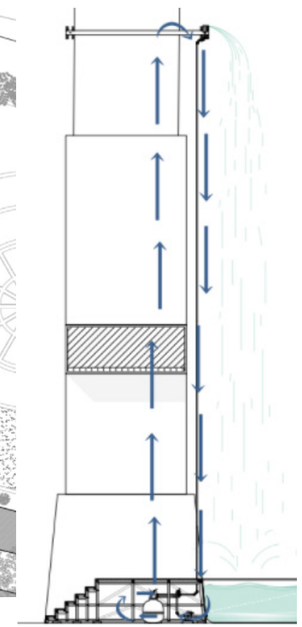
gradualmente o contato com a água foi se perdendo no espaço e a praça secou. nesse cenário, a intervenção se propõe em resgatar a memória da água e seu potencial como elemento catalisador de encontros e intermediador das relações humanas. essa postura busca a re-familiarização do usuário com o espaço, devolvendo a sensação de participação no ambiente e sua história. seu propósito se estende a dar apoio às atividades existentes e promover a permanência no local.

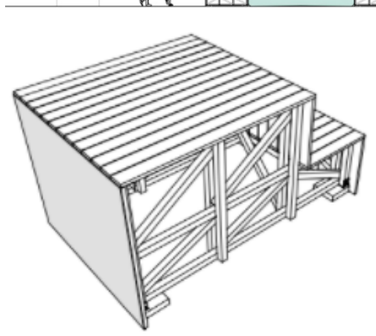
os arcos da lapa desempenham o papel de nascente da água, elemento norteador da intervenção. a estrutura de madeira é constituída pelo mínimo possível para se acoplar aos arcos, abraçando o monumento e trazendo a água em um primeiro momento como cascata, na sua forma sensorial mais potente com som e movimento.

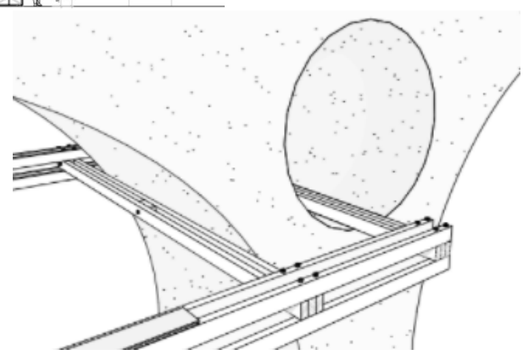


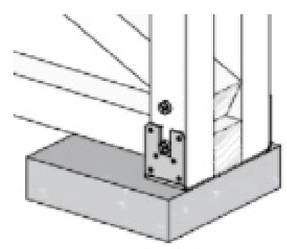


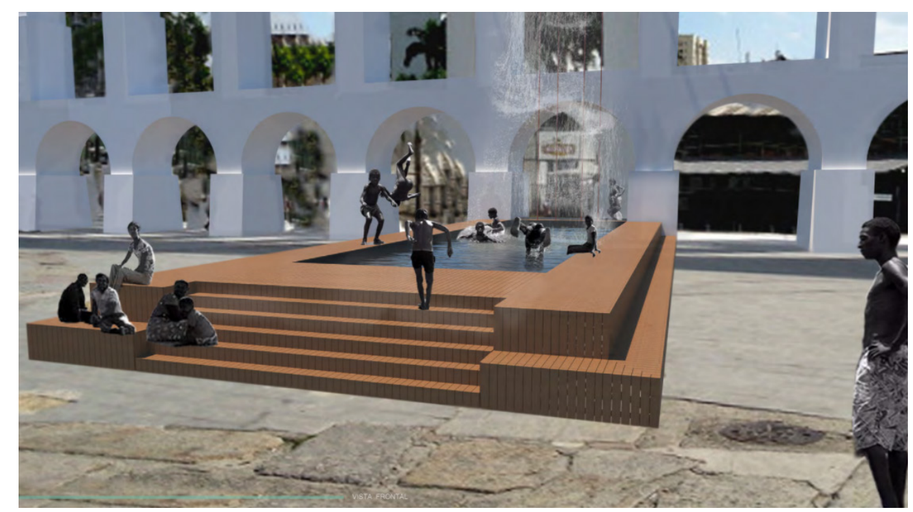












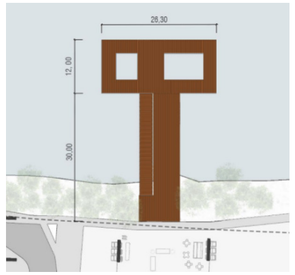
24 ponte da joatinga

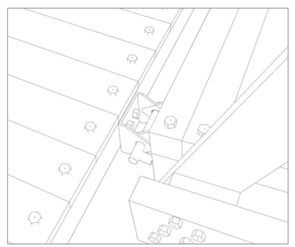
isabela corbo
natasha charbel

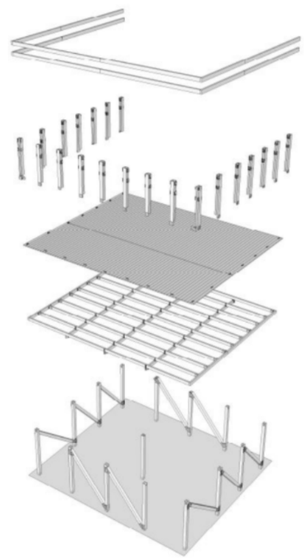
a barra da tijuca, bairro litorâneo formado por ilhas, restingas e um complexo de lagoas e canais, tem sua paisagem fortemente marcada pela presença de água e de beleza natural. o bairro também é marcado pelas atividades aquáticas que se fazem presentes nessas águas, além de ser valorizado pelo vínculo com a natureza que suas características geomorfológicas proporcionam. a cultura rodoviarista que norteia a organização urbana da barra da tijuca, no entanto, é responsável por uma forte fragmentação de grande parte dessa paisagem natural e do tecido urbano no local. como resultado, são gerados espaços residuais decorrentes destas grandes estruturas urbanas rodoviárias, assim como, uma forte desvalorização do pedestre no local.

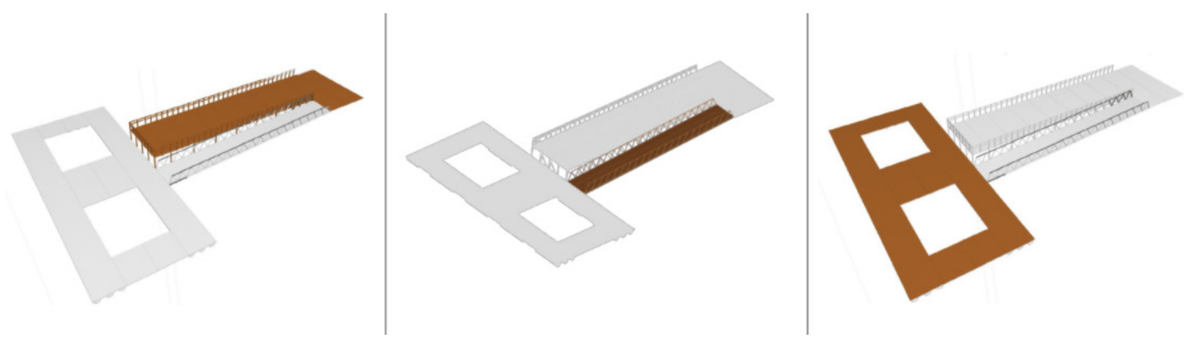
sendo assim, a escolha do local de intervenção parte da observação dessa ruptura da paisagem no bairro, explicitada pela presença da ponte da joatinga, que intercepta de maneira brusca a continuidade da paisagem local, gerando uma desconexão entre o espaço público urbano e o canal da joatinga. essa desconexão afeta não só sua paisagem, mas também a circulação de pessoas sob o viaduto e em seu entorno, uma vez que carece de atrativos que incentivem a permanência no local.

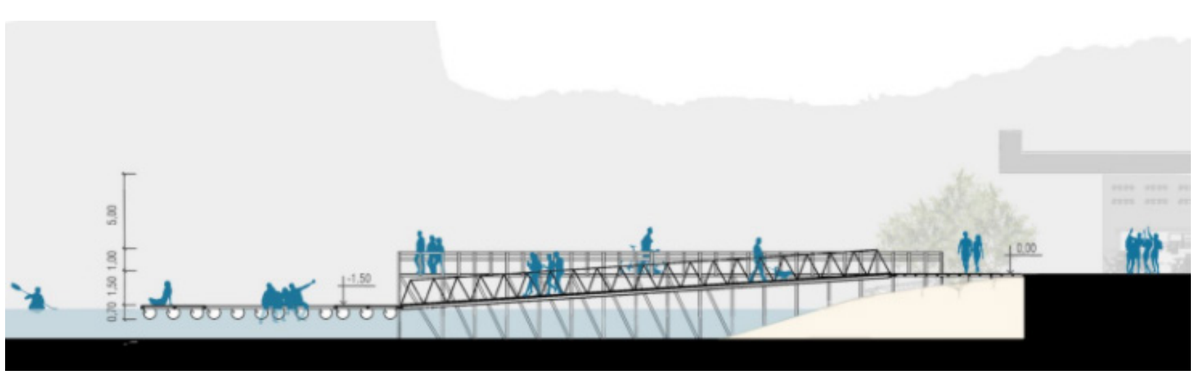
posto isso, O píer joatinga tem como objetivo diminuir esta fragmentação por meio da implantação de uma estrutura que permita aproximar as pessoas deste espaço atualmente subutilizado, proporcionando novas áreas de permanência, que potencializam a vocação desse local e valorizam a beleza natural do bairro.









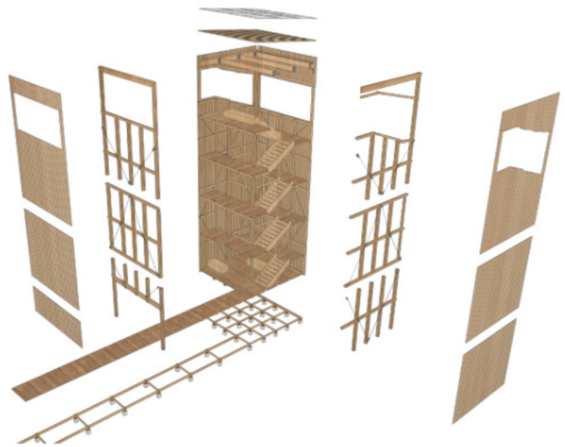


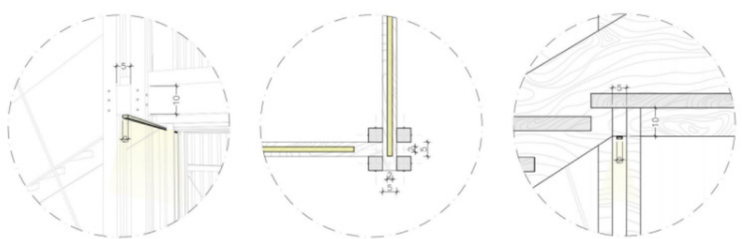
25 marina da glória

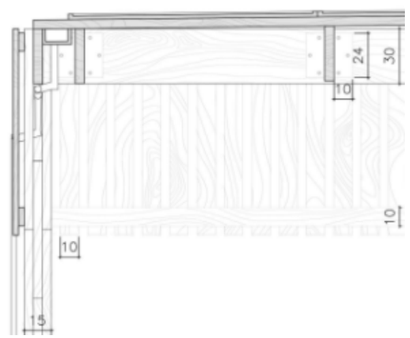
isadora coelho
matheus marinho

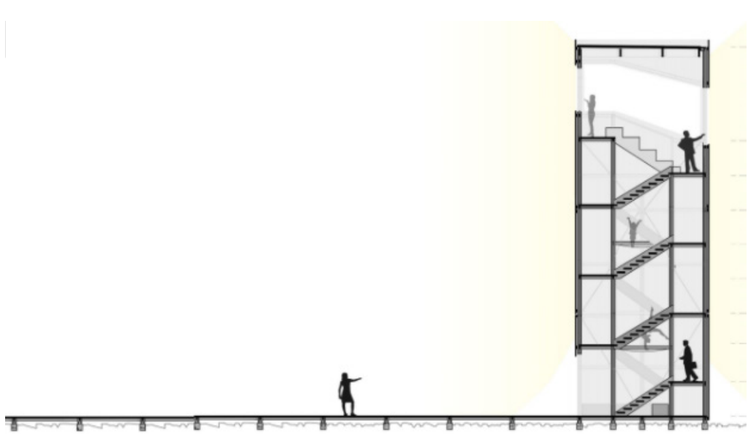
o quebra-mar da marina da glória, um pedaço de terra no meio da baía de guanabara, é a parte final do aterro do flamengo e, embora seja um mirante natural para os principais marcos visuais da cidade, possui uma subutilização que não é vista no restante do parque. assim, percebendo que os maiores geradores da atual subutilização naquele espaço eram: 1. o desconhecimento da população em geral sobre a possibilidade de se chegar até lá e 2. a falta de uma infraestrutura que atraísse e desse conforto aos possíveis usuários, buscou-se projetar um equipamento que, durante o seu tempo de permanência, se destacasse na paisagem, gerando curiosidade sobre aquele território e sinalizando às pessoas que elas poderiam ir até lá, promovendo uma apropriação daquele espaço público pelas pessoas, potencializando-o e catalisando, à longo prazo, projetos definitivos para aquele território.

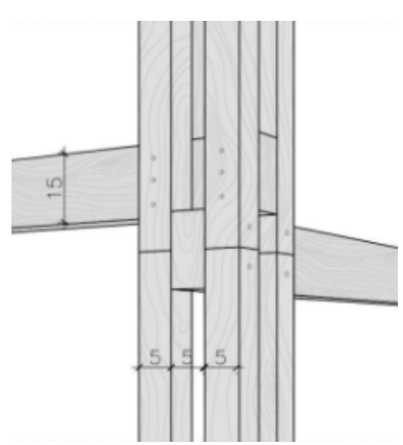
os curiosos que lá chegassem, seriam confrontados com uma estreita passarela de madeira que permitiria o caminhar sobre as pedras, um percurso que, embora totalmente imerso na paisagem, na brisa, sol e outras sensações possíveis ali, os encaminharia ao interior da torre, um espaço mais fechado, limitando a relação do usuário com a paisagem ao que ele pode ver a partir das frestas da fachada ripada, e trazendo a atenção do usuário para o que ele vai encontrar no interior da torre, com pavimentos de rede que poderiam ser usadas para pular, deitar, sentar, etc. garantindo sensações ao longo da subida. no topo, ele se depara com o clímax da experiência, o seu reencontro com a paisagem através de um mirante com uma arquibancada com vista de 360° para importantes marcos da cidade, onde ele pode enfim descansar e desfrutar da paisagem.











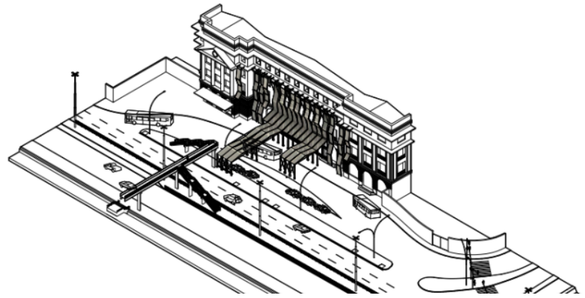
26 estação leopoldina

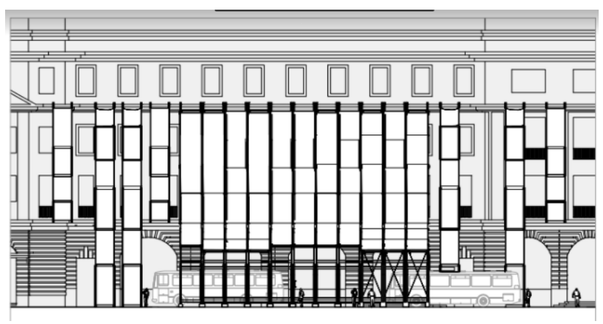
kevin chiappetta
suzana bentes

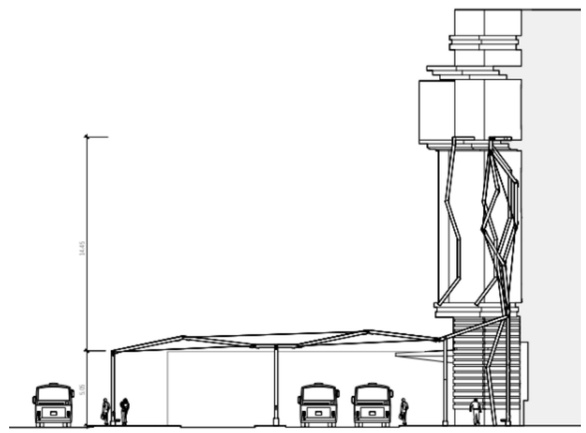
o projeto é orientado pelo contato do indivíduo com o ambiente conformado pela área em frente à estação leopoldina. há um intenso fluxo de pessoas baldeando entre as linhas dos ônibus em diversas horas do dia, mas pouca infraestrutura para recebê-las, ironicamente. atualmente, a estação se encontra desativada para uso do público e o movimento dos passageiros fica restrito às calçadas pouco adequadas para permanência. ao explorar as carateristicas da construção e o atual uso do local foi possível dar a ele uma nova pele, provocativa e acolhedora.

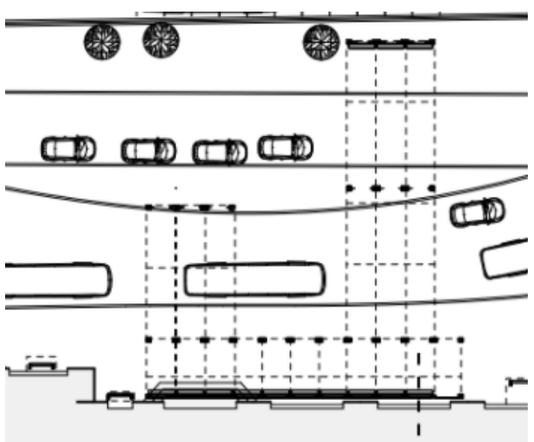
o local foi inaugurado em 1926 e funcionou até 2002, quando foi descontinuado para embarque de passageiros. a partir daí, diversos projetos de revitalização foram planejados, mas nenhum foi executado. hoje a construção é vista como um uma âncora na paisagem, transmitindo estabilidade frente a instabilidade de seu entorno. em oposto às calçadas desabrigadas por onde passam os ônibus, esse monolito se apresenta como um refúgio impenetrável: portas e janelas trancadas deixam de ser passagem para o interior e viram um cenário.

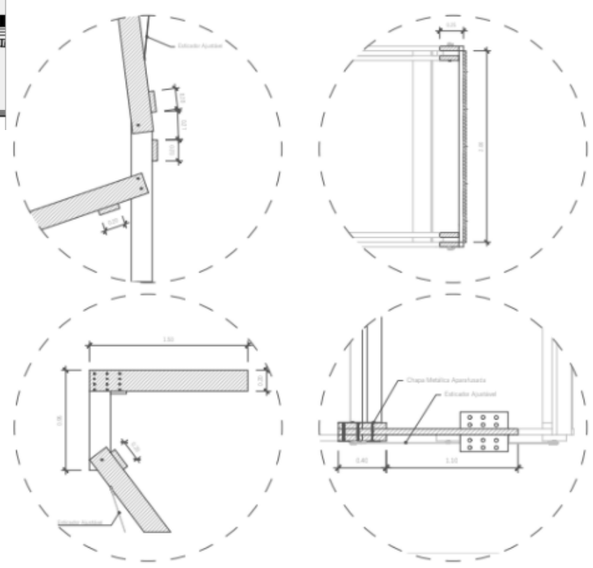
a partir da análise de imagens do google street view e de notícias de jornal, foi possível compreender o uso do espaço em frente à estação pelos passageiros de ônibus, motoristas e taxistas. é notável a predileção pela permanência próxima às fenestrações do prédio, percepção que se torna uma referência projetual forte e pontapé inicial para usar a linguagem arquitetônica como um vetor de projeto.

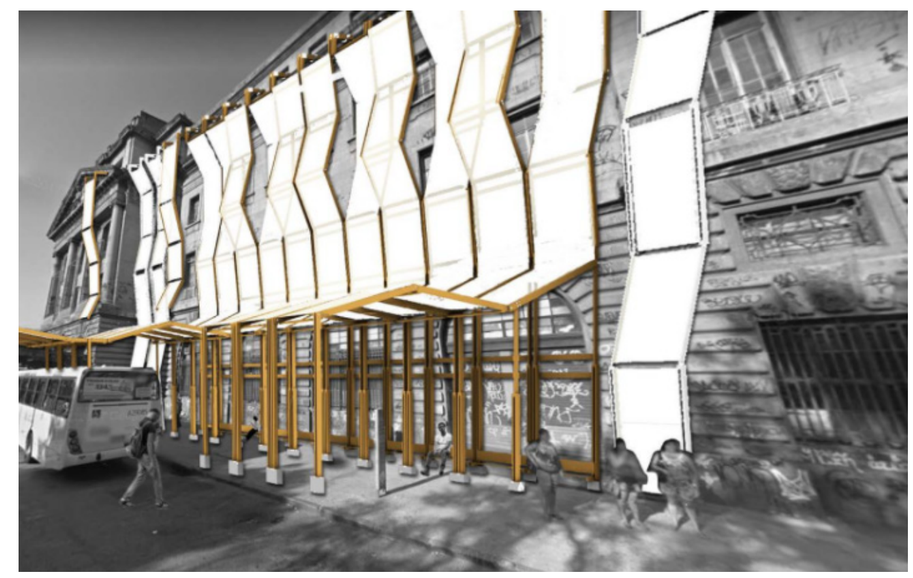












27 porto vida residencial

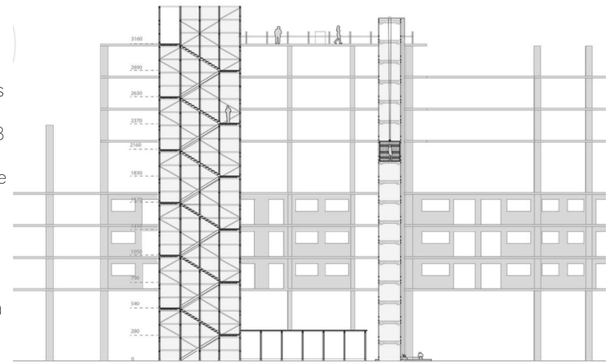
lorena lanzillota
tatiana pines

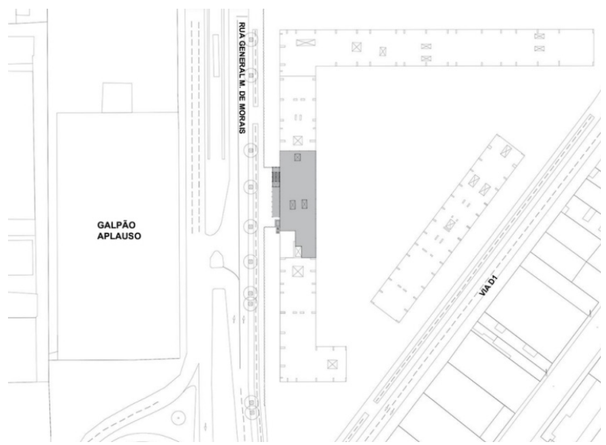
o porto vida residencial, localizado no bairro santo cristo,foi um dos empreendimentos do porto maravilha para as olimpíadas de 2016. esses empreendimentos tinham como objetivo recuperar a região sendo considerado o maior legado dos jogos para a população do rio de janeiro. No entanto, devido ao preço alto e poucas vendas, além da desistência da prefeitura de usá-lo para as olimpíadas de 2016, as obras foram paralisadas em 2014 com apenas 25% de execução.com isso é evidenciada a triste realidade em que se insere, já que é apenas 1 das 68 obras atrasadas e inacabadas da cidade do Rio de Janeiro.

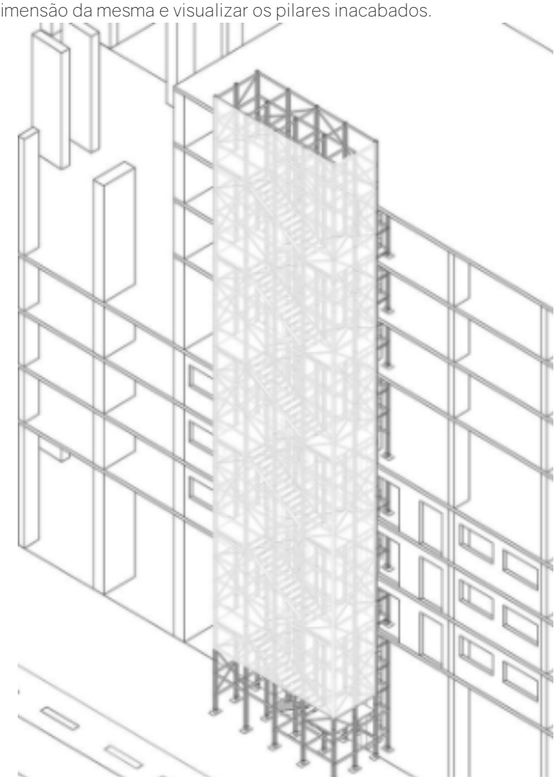
desta maneira o projeto "deslegado porto cida residencial" surge com o intuito de despertar um novo olhar sobre o empreendimento e conscientizar a população sobre a história e a situação atual da obra paralisada.

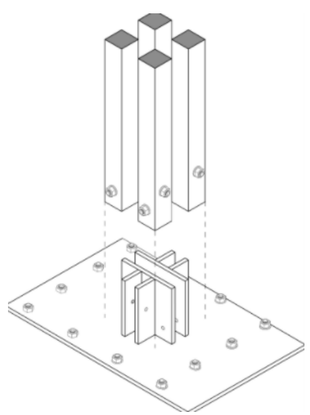
ao analisar a área próxima ao esqueleto,constatamos que seu entorno é apenas um local de passagem. apesar disso, ao redor há muitas vias e viadutos de extrema importância para região metropolitana , dentre elas a linha vermelha e o ciaduto do gasômetro. assim, com o intuito de atingir mais indivíduos, o ponto do esqueleto escolhido para ser trabalho foi na rua general menezes de Morais, o qual pode ser observado destas vias mais importantes.

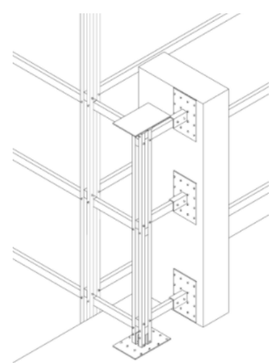
analisando a construção incompleta vimos uma barreira clara, a falta de acesso que se dá tanto pelo tapume presente no local quanto pela ausência de um eixo vertical que conecte os andares do esqueleto. desta forma, o projeto parte propõe garantir o acesso à construção, especificamente a laje de cobertura, para que seja possível ter noção da dimensão da mesma e visualizar os pilares inacabados.

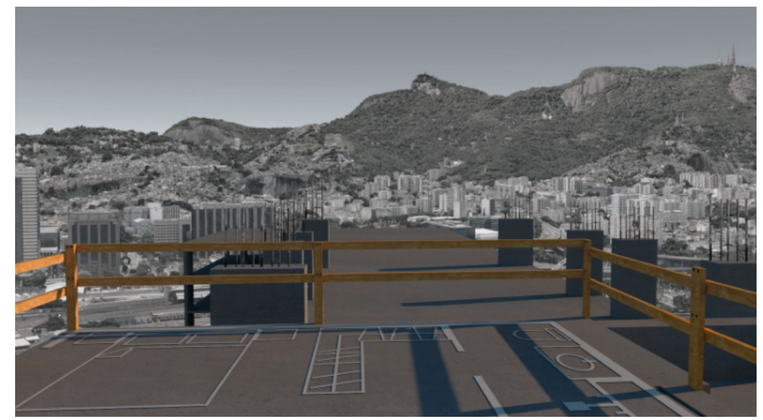










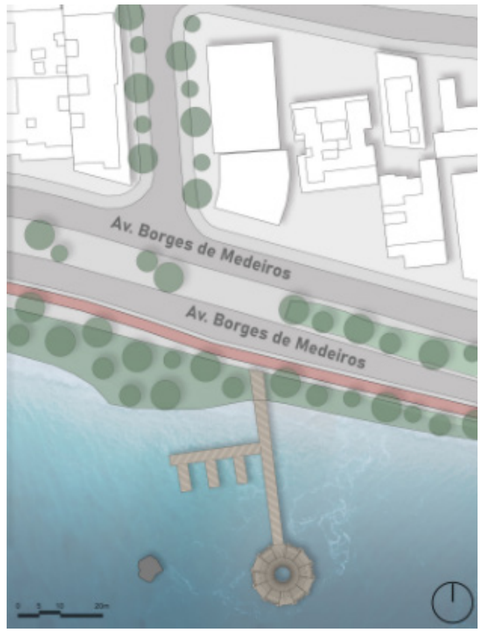


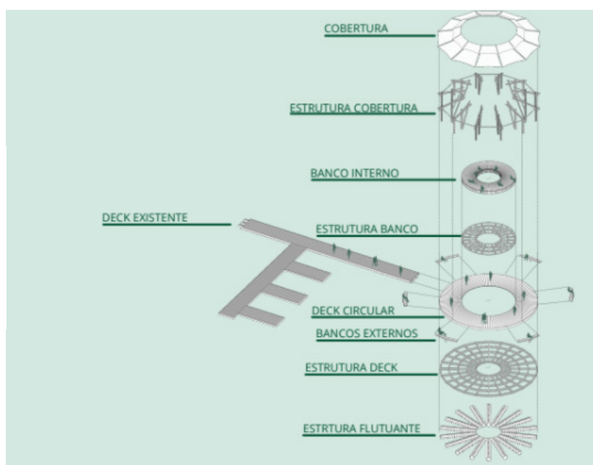
28 lagoa rodrigo de freitas

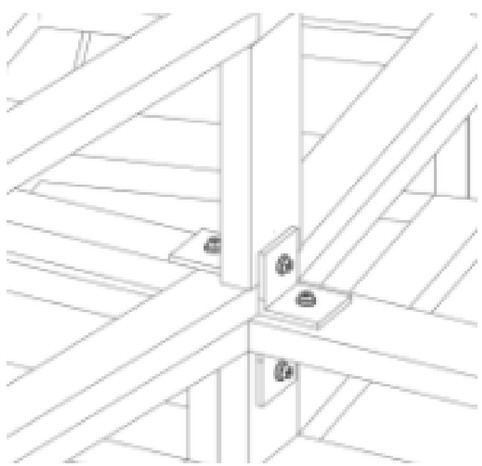
raphael rohlfs
sofia lundgren

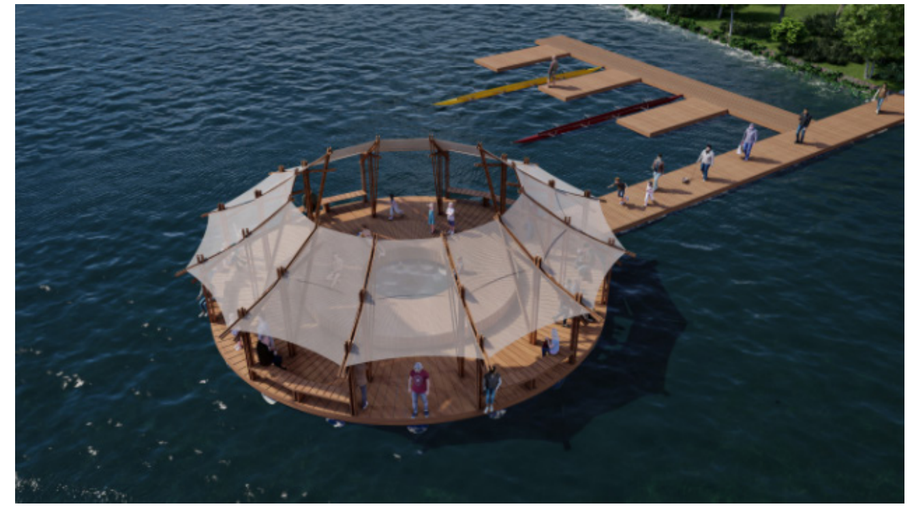
a lagoa rodrigo de freitas acomoda ao seu redor atividades e movimentos desde a sua ocupação indígena. o trecho da avenida borges de Medeiros (avenida que antecede o túnel rebouças) é um dos mais intensos em relação a engarrafamentos, poluição e barulho, além de apresentar menor oferecimento de atividades coletivas e de permanência comparadas a outros trechos da lagoa e ter uma pequena concentração demográfica. Se destaca nesse trecho o deck do clube de regatas do vasco da gama, que parte do meio "mais urbano", da ciclovia, calçada, pistas e prédios até chegar em linha reta através do deck à lagoa, ao meio "mais natural"(apesar deste ter sido ocupado por humanos há anos)* com a paisagem aberta, coexistência com a natureza, água e a vista da estátua de um indígena que se localiza ao lado do deck, e que homenageia a sua originária presença nessa região.

visto o contexto do lugar, o projeto busca ter o efeito tático de promover e evidenciar um espaço para experiências meditativas e contemplativas com a natureza (em destaque com a água e o céu), inspirada nos valores indígenas. de acordo com a inspiração cultural indígena foi considerada a tipologia arquitetônica dos mesmos, a forma circular e central que se desdobra em efeito tático de sensibilização e reverenciamento ao redor do que se está no centro, no caso a natureza (em direção inferior a abertura para a água da lagoa e na direção superior a abertura para o céu). q forma promove a disposição dos corpos de forma coletiva também. qpesar da tipologia formal ser inspirada nos conceitos indígenas, a técnica empregada não se baseia exatamente nas construções indígenas, estabelecendo uma coexistência entre a tipologia formal e cultura vernacular com técnica mais contemporânea relacionada a sistema de encaixes de madeira de catálogo advindos de catálogo.





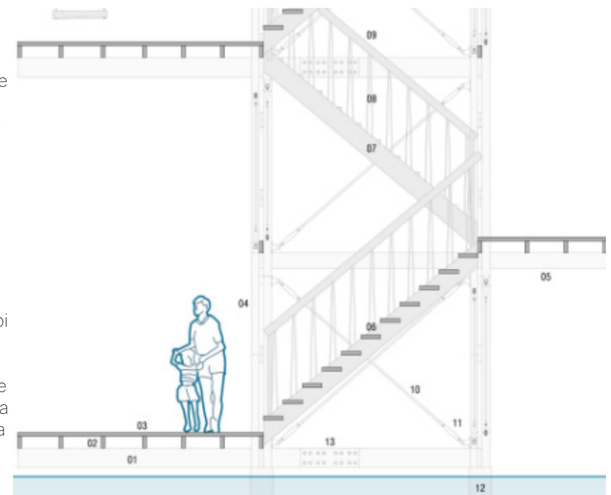
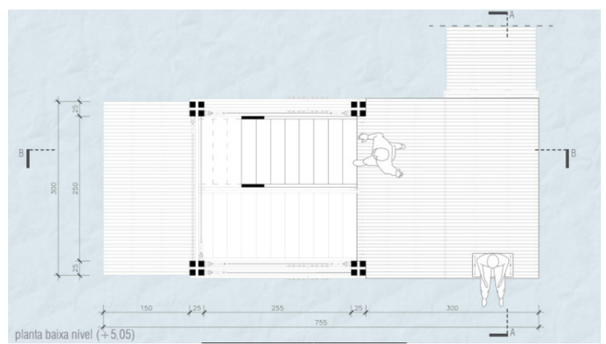
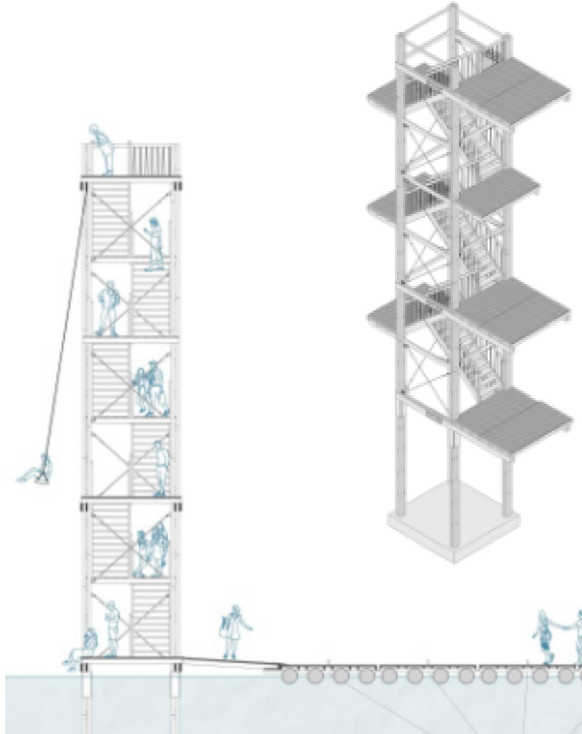
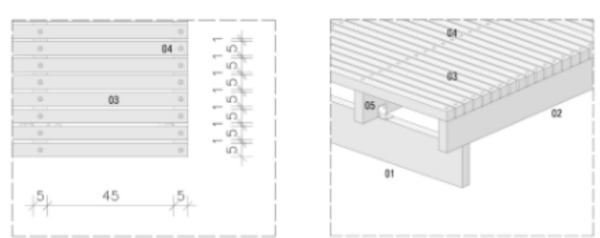
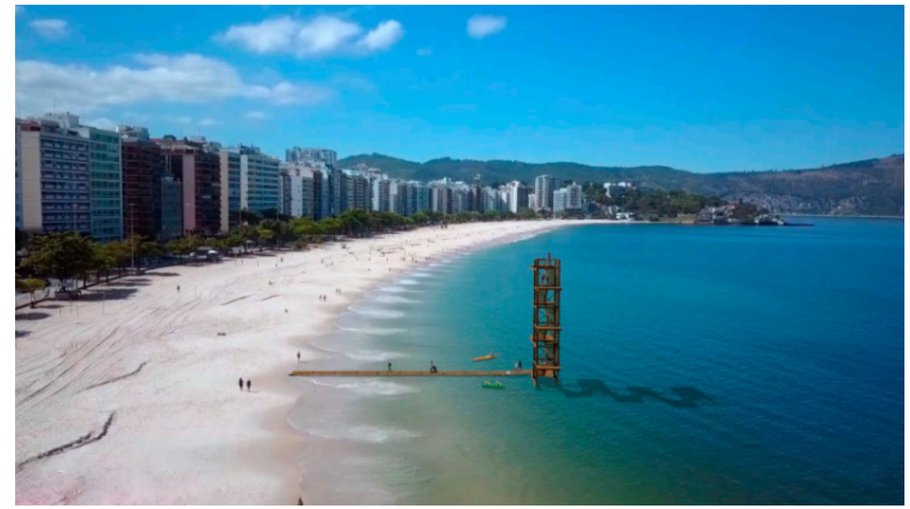




29 praia de icaraí

raphael younes
tiago sampaio

a escolha pelo local surge após a descoberta da pré-existência de um grande ícone arquitetônico que durante décadas marcou a paisagem de niterói: o famoso trampolim da praia de icaraí. como muitos outros marcos sob responsabilidade do poder público, o trampolim foi se deteriorando ao longo do tempo e nunca recebeu a manutenção que sua importância requeria, até que a sua utilização ficou insustentável, ao ponto de ser demolido em meados da década de 1960. com isso, além de um grande equipamento público, perdeu-se também um dos mais importantes pontos de encontro do bairro. hoje, esse marco, que fora representado pelo trampolim, existe apenas na memória das gerações mais velhas e na imaginação dos mais jovens.

niterói, conhecida por ser uma cidade marítima e que sempre teve o mar como um dos principais elementos de sua paisagem e cotidiano, atualmente se encontra em uma situação contraditória, visto que o contato com a água se tornou um risco. o projeto icatu, que em tupi guarani significa "água boa", busca fazer simultaneamente um resgate histórico de um marco e ressaltar essa contradição existente na relação do bairro de Icaraí com o mar nos dias de hoje. nesse sentido, propõe-se uma estrutura de madeira verticalizada, ocupando o exato local da antiga construção, que oferece uma relação diferente entre corpo e água e uma lembrança do que antes havia ali.

diferentemente do antigo trampolim, a nova intervenção lida de maneira mais cautelosa tanto com a água quanto com o entorno. sua estrutura tenta ser o mais leve possível,tocando apenas quatro pilares no fundo do mar, ao mesmo tempo que rígida o suficiente para suportar os sete patamares em balanço, de forma a não atrapalhar a vista da praia.